

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES- ILLA
FACULDADE DE ESTUDOS DA LINGUAGEM- FAEL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ**

SANDREANE OLIVEIRA FEITOZA

**Os conflitos da personagem Isabel em *O Guarani*, de José de Alencar: mulher,
mestiça e bastarda.**

MARABÁ- PA

2017

SANDREANE OLIVEIRA FEITOZA

Os conflitos da personagem Isabel em *O Guarani*, de José de Alencar: mulher, mestiça e bastarda.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português, sob a orientação da professora Dr^a Simone Cristina Mendonça.

MARABÁ- PA
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá, PA

Feitoza, Sandreane Oliveira

Os conflitos da personagem Isabel em O Guarani, de José de Alencar: mulher, mestiça e bastarda / Sandreane Oliveira Feitoza ; orientadora, Simone Cristina Mendonça. — 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Linguística, Letras e Artes, Faculdade de Estudos da Linguagem, Curso de Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, Marabá, 2017.

1. Literatura brasileira – História e crítica. 2. Ficção brasileira. 3. Alencar, José de, 1829-1877. 4. Mulheres na literatura. 5. Filhos ilegítimos. I. Mendonça, Simone Cristina, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: B869.3

SANDREANE OLIVEIRA FEITOZA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, para obtenção do título de Licenciatura em Letras Português, sob a orientação da professora Dr^a Simone Cristina Mendonça.

Sandreane Oliveira Feitoza

Data de aprovação: Marabá/Pa, ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Simone Cristina Mendonça

(Orientadora- Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará)

Prof. Dr^o Gilmar Bueno

(Avaliador- Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará)

Prof. Dr^o Thiago Gonçalves

(Avaliador- Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará)

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”.

(José de Alencar)

AGRADECIMENTOS.

Dedico este trabalho a Deus que me presenteou com forças suficientes para que eu viesse terminar esta graduação .

À Profa. Dr. Simone Cristina Mendonça, minha orientadora e exemplo de mestra e amiga.

À minha querida mãe Maria de Nazaré Oliveira Feitoza, por representar meu maior exemplo e experiência de amor, carinho e dedicação, sobretudo, por acreditar nos meus sonhos e ideais.

Bem como, ao meu esposo Francisco Filho por representar para mim um referencial de determinação e inteligência, e sempre me apoiar nos meus estudos e em todos os momentos desta importante etapa de minha vida.

Agradeço aos meus colegas de curso, em especial à Fernanda, Gabriele, Hellen e Priscila com as quais em meio a esses quatro anos, sonhamos e lutamos juntas pelo mesmo motivo, a formação acadêmica em Letras Português.

À minha amiga Pétala Nogueira que me ajudou nos momentos mais difíceis em que eu precisava de alguém para cuidar do meu filho.

E ao mais especial de todos, ao meu lindo filho Asaph, que mesmo nascendo no decorrer de minha graduação, foi o motivo que mais me impulsionou a não desistir deste sonho.

RESUMO.

Esta pesquisa analisa através do romance *O Guarani*, de José de Alencar, como é o drama sofrido pela personagem mestiça feminina Isabel. Os preconceitos sofridos por ela própria dentro do ambiente familiar, uma vez que se encontra em uma situação familiar fora dos padrões da época. E assim, buscando identificar como se processa sua trajetória dentro da obra alencariana, o modo como é pronunciada dentro da narrativa como uma filha bastarda do Senhor da casa. A hipótese norteadora deste texto é entender o que realmente se passa com a personagem Isabel, o que ela sente em relação à família em que vive, quais são os seus desejos, seus amores e como ela é tratada dentro da casa feudal. A pesquisa foi realizada em cunho bibliográfico, através de livros, artigos e encontros com a orientadora do presente trabalho. O referencial teórico vem de Ingrid Stein(1984), definindo a mulher do século XIX. De Gilberto Freyre (2006) , a construção da mestiçagem no Brasil e as relações do branco com o índio. Maria Cecília Boechat (2003), a obra de José de Alencar e seu romantismo. E Marisa Lajolo (2004), nos fala em como e por que ler o romance brasileiro.

Palavras-Chave: Isabel, Mulher, Mestiça, José de Alencar.

ABSTRACT

This research analyzes through the novel *O Guarani*, by José de Alencar, as is the drama suffered by the female mestizo character Isabel. The prejudices suffered by her own within the family environment, since she is in a family situation outside the standards of the time. And thus, trying to identify how its trajectory is processed within the Alencarian work, the way it is pronounced within the narrative as a bastard daughter of the Lord of the house. The guiding hypothesis of this text is to understand what really happens with the Isabel character, what she feels about the family in which she lives, what her desires, her loves and how she is treated within the feudal house. The research was carried out in bibliographic terms, through books, articles and meetings with the supervisor of the present study. The theoretical reference comes from Ingrid Stein (1984), in which she shows us how the woman of the 19th century was. From Gilberto Freyre (2006), the construction of Miscegenation in Brazil, the relations of white with the Indian. Maria Cecilia Boechat (2003), the work of José de Alencar and his romanticism. And Marisa Lajolo (2004), talks about how and why to read the Brazilian novel.

Key words: Isabel, Woman, Mixed race, José de Alencar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I – PANORAMA DA MULHER DO SÉCULO XIX.....	13
1.1 A educação da mulher no século XIX	16
1.2 O casamento no século XIX, uma forma de aceitação social para a mulher.....	17
1.3 A vida sexual da mulher no século XIX	18
1.4 Mestiça, uma identidade nacional	20
CAPÍTULO II - JOSÉ DE ALENCAR, O PATRIARCA DA LITERATURA BRASILEIRA.	22
2.1 José de Alencar, o mestre do romantismo	22
2.2 O romantismo de José de Alencar	24
CAPÍTULO III - ANÁLISE DA OBRA O GUARANI COM ÊNFASE NA PERSONAGEM ISABEL; SUAS MARCAS DE OPRESSÃO	30
3.1 Resumo da obra	30
3.2 Estrutura da obra.....	31
3.3 Isabel, mestiça, a beleza natural da mulher brasileira.....	33
3.4 A posição de Isabel em seu âmbito familiar	40
3.5 A paixão de Isabel, uma história romântica, porém trágica	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59

INTRODUÇÃO.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como um objeto de estudo pesquisar a figura da mulher mestiça presente na obra literária brasileira *O Guarani*. De imediato foi escolhido um romance. E por que um romance? Marisa Lajolo em *Como e por que ler o romance brasileiro* (2004) diz que lê-se romance em qualquer lugar, a qualquer hora, em qualquer posição (...) ela diz que quem lê um romance acaba adentrando nele, vivendo nele. Também diz que se lê romance para viver por empréstimo, e nesta vida emprestada aprender a viver.

O romance ensina, por exemplo, como é estar apaixonada ou como desapaixonar-se. Como fugir de casa numa canoa, como perseguir hipopótamos na África ou como lutar uma batalha heroica. Ensina por fazer-de-conta. Mas não ensina apenas coisas do coração e de aventuras. (LAJOLO, 2004, p.31)

Para objeto de análise foi selecionado o livro "*O Guarani*", cujo autor é o renomado José de Alencar. A obra é um romance que foi escrito em 1857, mas ambientado no século XVII, possui uma estrutura descritivo-narrativa (em 3ª pessoa) e pode ser considerado simultaneamente um romance histórico e indianista. (ALENCAR, 2005, p.13)

Lajolo (2004) diz que o escritor José de Alencar em seus romances fundamenta a veracidade do que conta, ou seja, vai explicando ao leitor inserindo notas de rodapé em sua obra, já que seu leitor é um cidadão urbano e a obra é indianista. Dessa forma, ele traz à tona os elementos do mundo indígena com os quais constrói a história, e incluindo na obra citações bibliográficas que atestam a veracidade dos costumes indígenas os quais cita ao descrevê-los.

Na obra *O Guarani* é possível encontrar lances de história do país entrelaçados com o atual repassando assim ao leitor com humor e até mesmo heroísmo. Lajolo (2004) diz que nas cenas de *O Guarani* há portugueses, índios, alguns bons, outros maus, há belezas femininas distintas (loira e morena) e com isso há a verossimilhança num país de independência recente em que se encontram as raízes deste clássico de nossa literatura mergulhada na história portuguesa, na época em que Portugal ficara sob domínio espanhol.

No entanto, podemos dizer que o romance foi descrito à medida certa, uma vez que o Brasil tinha se libertado recentemente de Portugal. Apresentando como um dos

heróis, um exilado que veio refugiar-se nas terras brasileiras. Um dos destaques da obra é a relação entre brancos e índios, em que o domínio do branco é à custa da violência contra o índio.

Em sua autobiografia literária, *Como e por que sou romancista*, publicado em sua primeira versão no ano de 1893, José de Alencar conta em que circunstâncias escreveu o livro *O Guarani*. Alencar, diz que o desgosto o obrigou a realizar o segundo romance, e em seguida, o levou para um terceiro, “*porém este já de maior fôlego*”, diz Alencar. *O Guarani*, foi escrito dia após dia para o folhetim do *Diário*, entre os meses de fevereiro e abril de 1857, disse ele. Foi em meio às lutas do jornalismo, encarregado não somente com a redação de uma folha diária, mas com a administração da empresa, que ele desempenhou a tarefa que lhe foi imposta, e cujo impasse foi começar a publicação, apenas com os dois primeiros capítulos escritos. Nesta mesma autobiografia, José de Alencar (2005, p.15), diz que o fruto de seu trabalho são noites e noites de estudo sobre a natureza e os indígenas do Brasil.

O escritor cearense também nos afirma que foi esta esplêndida natureza que o envolveu, e particularmente a beleza dos desertos que ele estudou ao entrar na adolescência, e foram o pórtico majestoso pôr onde sua alma penetrou no passado de sua pátria.

Ao adentrarmos na narrativa de *O Guarani*, vemos que o romance em uma das suas características é visto como um romance histórico porque o autor descreve em suas linhas o estilo e costume de vida da época representada, sua ambientação também tem uma marca presente às margens do Paqueta, zona serrana do Rio de Janeiro. O autor também descreve minuciosamente a arquitetura, as roupas dos personagens, dando assim uma característica da realidade literária. E o ser classificado também como um romance indianista se deve ao fato de que há uma construção de ideal medieval que vai do bom guerreiro ao bom selvagem, descrito assim na figura indígena, mais precisamente em Peri, que é visto como um personagem de muita coragem, pureza e fidelidade.

No decorrer dos 54 capítulos, observa-se na obra de José de Alencar o desvendar de sua trama, em que destaca um ideal romântico vivido por Peri, um goitacá, e Ceci, a filha dos Mariz. O índio, após salvar a sua donzela de um perigo, ajuda a família a superar a deslealdade dos aventureiros e dos aimorés.

No entanto, o objetivo aqui a ser discutido será a presença da figura feminina e mestiça na obra alencariana. Para tanto, procedeu-se a uma revisão da história da

mulher do século XIX, baseada no livro *Figuras femininas em Machado de Assis* de Ingrid Stein (1984), detalhando seus costumes, suas vidas, suas crenças.... Enfim, um pequeno estudo para que se pudesse chegar ao tipo de objeto a ser estudado na pesquisa aqui realizada, a mulher mestiça, também conhecida como cabocla. Segundo o Dicionário Aurélio, "caboclo" procede do tupi kari'boka, que significa "procedente do branco". No mesmo dicionário, o tupinólogo Eduardo de Almeida Navarro defende que "caboclo" se originou do termo tupi kuriboka, que, num primeiro momento, designava o filho de índio com africana. Mais tarde, kuriboka teria passado a se referir também ao filho de mãe índia e pai branco¹. Quando este termo é usado de forma pejorativa, ele remete à ideia de homem ou mulher rude, ou seja, não civilizado. No Brasil, os caboclos seriam ideais que fossem considerados valorizados e associados aos índios, como: fortes, sábios e os verdadeiros donos da terra. Mas, esta não é sua verdadeira realidade.

A personagem escolhida a ser estudada na obra de *O Guarani*, é Isabel, uma moça mestiça, filha bastarda de D. Antônio, mas criada como sua sobrinha. Será direcionado um estudo analítico à jovem Isabel. Apesar de não ser o centro condutor do enredo, nela buscar-se-á enfatizar sua construção feminina conduzida por força dos preconceitos por ela sofridos. Essa é uma das características que se remete a um exagero que transpõe a condição humana da época.

Portanto, será observada a construção dessa personagem feminina mestiça e em que medida ela é representada dentro da obra, além de identificar qual sua caracterização como mulher. Assim, pretende-se pesquisar a concepção teórica, a imagem da mulher na Literatura Brasileira do século XIX.

A pesquisa será realizada através de uma metodologia de cunho bibliográfico, em que sistematizam-se reflexões, questionamentos e análises, objetivando a compreensão da personagem feminina mestiça da obra estudada.

Através deste questionamento, pretende-se apresentar elementos que auxiliem e contribuam para o desenvolvimento no campo da pesquisa sobre tal identidade feminina, construída socialmente na literatura brasileira.

A imagem que se construiu acerca da mulher mestiça é resultante das necessidades de cada configuração histórica, ou seja, cada época, e, para identificar a construção desse estereótipo, faz-se necessário identificar as formações que

¹ Extraído de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caboclo>.

envolveram cada época. A personagem Isabel só faz explicitar o preconceito sofrido pelo mestiço o qual transmite ao leitor a sensação de inadequação por não se sentir brasileiro, nem europeu. A moça mestiça não é aceita na casa, a não ser por Cecília que a trata como irmã.

A pesquisa vem retratar o caminho percorrido de Isabel na obra *O guarani*. Como era vista essa mulher? Quais preconceitos/dificuldades esta mulher sofria, uma vez que era considerada como a filha bastarda do Senhor da casa? E hoje esse tipo de problema ainda pode ser visto nas famílias brasileiras?

A intenção é compreender e mostrar a realidade desta personagem feminina de José de Alencar, uma vez que a obra foi escrita em um momento histórico diretamente posterior ao da Independência do Brasil e havia a obrigação de gerar uma cultura propriamente brasileira, diferenciando-a da cultura de Portugal.

O objetivo geral será verificar se há marcas de opressão e exclusão sofridas pela mulher na obra em estudo. Se, de alguma forma, a voz de Isabel causa ao leitor algum impacto, tendo como suposição como essa mulher foi descrita por questões culturais e sociais no século XIX. E como foi criada a imagem dessa mulher por inserção de um grupo marcado pelo preconceito racial e pela opressão.

Esta pesquisa será apresentada em três capítulos, cada um com seus subtópicos que explanarão as ideias principais do presente estudo. O primeiro capítulo traz *O panorama da mulher no século XIX*, o qual divide-se em: *A educação da mulher no século XIX*; *O casamento no século XIX, uma forma de aceitação social para a mulher*; *A vida sexual da mulher do século XIX*; *Mestiça, uma das diversidades brasileira*. O segundo capítulo vem falar sobre o autor da obra pesquisada, José de Alencar o qual está dividido em: *José de Alencar, o mestre do Romantismo* e *O romantismo de José de Alencar*. E, por último, o terceiro capítulo, que será o nosso objeto de estudo, a análise da obra *O Guarani* com ênfase na personagem “ Isabel”. Tal capítulo trará a subdivisão em cinco subtópicos: *Resumo da obra*; *Estrutura da obra*; *Isabel, a beleza natural da mulher brasileira*; *A posição de Isabel em seu âmbito familiar*; *A paixão de Isabel - uma história romântica, porém trágica*. E, por conseguinte, a conclusão do presente trabalho.

CAPÍTULO I.

PANORAMA DA MULHER DO SÉCULO XIX.

No livro *Figuras femininas em Machado de Assis*, a escritora Ingrid Stein aborda vários temas a respeito da mulher do século XIX. Stein (1984) diz que no início da colonização, a família no século XVI, sustentada numa união legalizada, era quase que inexistente, já que os portugueses não se transferiam para o Brasil com a intenção de se estabelecer definitivamente. Dessa forma, suas esposas permaneciam em Portugal e, assim, eles mantinham relações irregulares com índias e escravas. Foi após algum tempo que as famílias começaram a ganhar uma certa importância. Foi então que surgiu a família de organização patriarcal de dupla estrutura:

um núcleo centrado, legalizado, composto pelo casal branco e por seus filhos legítimos; e um núcleo periférico nem sempre bem delineado, constituído de escravos e agregados, índios, negros, mestiços, no qual estavam incluídos as concubinas dos chefes e seus filhos ilegítimos (CÂNDIDO, 1951, p.2 *apud* STEIN, 1984. p.21).

A autora também relata que a família patriarcal foi considerada como a instituição mais importante para a formação da sociedade brasileira, pois exerceu um grande papel disciplinador, no qual representava o único grupo estável justamente por ter em suas mãos as principais fontes de riqueza e poder. A constituição da família legalizada permanece, porém, privilégio das categorias sociais mais elevadas e, ao findar o império, ainda é parcialmente reduzido o número de pessoas casadas por lei.

Mais à frente, Stein (1984) relata que a situação da mulher no século XIX era tomada de total submissão, a mulher, nesta família, ocupava uma posição em segundo plano, ou seja, inferior ao homem. Sua função era procriar, para que fossem assegurados herdeiros. Aquelas que eram denominadas “senhoras de classe alta” tinham como função ser uma espécie de administradora das tarefas do lar. Esta dirigia os trabalhos da cozinha, supervisionava a arrumação da casa e o mais importante, o cuidado das amas e escravas com as crianças. No seu papel de mãe, tinha a responsabilidade da primeira transmissão de valores aos filhos, o seu aperfeiçoamento moral.

A autora também cita a infidelidade :

Algo considerado bastante sério era o caso de infidelidade, este era um grave motivo para que o marido viesse a pedir o divórcio. Entre este exemplo e muitos outros, podemos concluir que a figura feminina ainda estava distante de desfrutar de direitos morais iguais aos dos homens, já que eram vistas apenas como uma “mercadoria”, cuja função era somente para satisfazer seus desejos, e, também, eram privadas de qualquer autonomia. (STEIN, 1984, p.34)

No entanto, entende-se que ser uma mulher independente naquela época não passava apenas de um desejo, um anseio, pois a única coisa que se era aceita era o casamento, contudo, o casamento era recompensador para a mulher, como também para sua família e sociedade.

Ao descrever sobre a educação da mulher, a escritora diz que ela era muito limitada, ela era educada para ser do lar, para realizar trabalhos domésticos. Dessa forma, ficava totalmente ineficaz para o mercado de trabalho. E, devido a isso, as mulheres eram obrigadas a serem mais dependentes dos homens, pois era apenas um complemento da família, alguém que estava ali para servir a família.

Louise Garret Anderson diz que:

...os pais acreditavam que uma educação séria para suas filhas era algo supérfluo: modos, música e um pouco de francês seria o suficiente para elas. Aprender aritmética não ajudará minha filha a encontrar um marido, esse era um pensamento comum. Uma governanta em casa, por um breve período, era o destino habitual das meninas. Seus irmãos deviam ir para escolas públicas e universidades, mas a casa era considerada o lugar certo para suas irmãs. Alguns pais mandavam suas filhas para escolas, mas boas escolas para garotas não existiam. Os professores não tinham boa formação e não eram bem educados. Nenhum exame público (para escolas) aceitava candidatas mulheres. (GARRETT, *apud* STEIN, 1984, p. 29, depoimento escrito de 1839).

Dessa forma, por não fazer parte da cultura do século XIX, as mulheres eram desacreditadas, quando a questão era “seu potencial”. O que as elevavam a um patamar mais digno era quando arranjavam um bom casamento, um bom marido, assim, teriam uma vida estável e bem sucedida.

Um ponto muito forte que Ingird Stein aborda em seu livro é que permanecer solteira era visto como uma tragédia familiar, aos trinta anos, uma mulher que não fosse casada era chamada de velha solteirona. Após seus pais falecerem, elas nada podiam fazer e nem teriam para onde ir. Se tivessem um irmão, poderiam viver em sua casa, como hóspedes permanentes e indesejados. Algumas tinham que se manter e, assim, as dificuldades apareciam. O único cargo empregatício que elas podiam exercer era a de governantas, e assim, em condições desprezadas e com um

mísero salário. Nenhuma das profissões eram abertas às mulheres; não havia para elas postos que eram cabíveis naquela época, somente para os homens, nesse caso, nada podia ser feito. Ou seja, a mulher não tinha voz nenhuma perante à sociedade.

Stein destaca outro ponto acerca da mulher :

Outro atributo da mulher era a ocupação de colaboradora e incentivadora do homem, na qual, seu objetivo era incentiva-lo à conquista de êxitos. Já para o homem ficavam destinadas as tarefas fora do contexto caseiro, eram eles: contatos da vida pública, comercial, política e cultural, ao mesmo tempo que a mulher era reservada somente para os serviços de casa. (STEIN, 1984, p.23)

Assim como Stein diz que a mulher era para somente os serviços de casa, Roberto Da Matta (1997, p. 90) diz que a casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão em seus devidos lugares. E dessa forma, podemos observar que a mulher era a que colocava a casa em ordem, era ela a “ama” do lar, já que lhe era cabível orientar as suas servas o que era de fato a ser feito na residência.

Outro ponto que Da Matta destaca é que a rua é o lugar para se trabalhar, e em casa se descansa. Então, se formos olhar para o padrão da família do século XIX, vemos que o homem é o que sai para a luta, e assim, o seu lar serve para o seu devido descanso.

Na casa, temos associações regidas e formadas pelo parantescos e relações de sangue; na rua, as relações têm um caráter indelével de escolha, ou implicam essa possibilidade. Assim, em casa as relações são regidas naturalmente pelas hierarquias do sexo e das idades, com os homens e mais velhos tendo a precedência; ao passo que na rua é preciso muitas vezes algum esforço para se localizar e descobrir essas hierarquias, fundadas que estão em outros eixos. (DA MATTA, 1997 p. 91).

No entanto, o sair às ruas, o encontro com a sociedade era para o homem, uma vez que na família brasileira existia a hierarquia dentro do âmbito familiar, sendo o homem o cabeça da casa.

Ao ler o livro de Stein, entendeu-se que a mulher do século XIX era vista como um ser mais dado a sentimentos, a submissão, pureza, bondade e de uma sexualidade menos desenvolvida, em que se era destinada a ser mãe e esposa. Devido a esse conjunto de fatores, a mulher aliada à sua total carência de poder, seja político ou econômico, serviu para que tivesse uma grande contribuição para uma função “conservadora” na sociedade. Então, imagina-se que, por isso, até nos dias

atuais vemos alguns comportamentos femininos bastante conservadores no meio da sociedade e família.

1.1- A educação da mulher do século XIX.

A situação educacional da mulher é um fator decisivo através da sua ocupação na sociedade, situação essa que, por sua vez, é condicionada precisamente pela preparação ao papel feminino a desempenhar nesta mesma sociedade. Ingrid Stein (1984, p 24) afirma que no período colonial essa educação era bastante deficiente, pois era reservada aos meninos, já que as meninas não recebiam quase nada de instrução.

A autora também explica que desde o Brasil colonial a educação feminina já era degradada, pois os jesuítas concentravam-se na alfabetização dos meninos, e que as meninas eram reservadas para a educação moral e religiosa. Segundo Stein (1984, p.24), neste período existia o ensino elementar, secundário, jurídico, médico, superior e militar, sendo que as meninas tinha acesso somente ao ensino elementar.

A autora relata que além da diferença em relação ao conteúdo ensinado às meninas, a criança do sexo feminino estava ainda em desigualdade quanto ao número de estabelecimentos de ensino para ela, já que o número era bem maior para as de sexo masculino. Dessa forma, pode-se observar que não existia uma admissão do ensino conjunto para ambos os sexos, ou seja, ainda não existia a educação mista.

No entanto, por questões morais, não era aceitável que professores do sexo masculino ministrassem em escolas femininas. Assim, era gerado um círculo vicioso do qual o resultado era uma instrução feminina primária inferior à masculina.

Na corte os colégios de meninas eram na sua maioria organizados por senhoras estrangeiras que abrigavam em suas residências um número menor de alunas. Nos anos 60 e 70 houve uma tentativa por parte dos poucos colégios femininos existentes de organizar cursos completos e regulares de instrução secundária para meninas. (STEIN, 1984, p. 26).

Essa realidade acerca dessa diferença do ensino levado à meninas e meninos, não era vista somente na cidade do Rio de Janeiro, mas poderia ser vista também na cidade de Belém, no Pará. Mendonça (2016) nos diz que:

Um professor particular ou que ministrava aulas para número menor de alunos em sua casa ,como se vê, poderia ser de grande utilidade, uma vez que para além de ensinamentos básicos, instruiria os meninos em questões religiosas e cívicas. (MENDONÇA, 2016, p. 26).

A autora Mendonça destaca em seu livro onde e para quem eram direcionadas as vendas dos livros didáticos. “Há para vender diferentes Livros para a educação de meninos, por preços cômodos em o Armazém de Claudinho de Souza na Travessa do Passinho”. (Jornal Treze de maio, 14/11/1840 *apud* MENDONÇA, 2016, p. 27).

Devido à circunstância citada acima, houve um certo fracasso com essa iniciativa, pois havia falta de alunas. Stein (1984, p. 73) diz que foi somente nos anos 80 que a situação foi se modificando e os cursos secundários para as meninas começaram a ter êxito.

Sendo assim, tendo em vista a situação angustiante no ensino secundário para as mulheres, não era de se esperar muita coisa que o ensino superior da época oferecesse para as mulheres.

Somente no ano de 1881, uma mulher, do Rio de Janeiro, ingressa num curso superior, como uma aluna da Faculdade de Medicina. E a partir de 1930 houve um aumento significativo do número de mulheres que frequentavam a escola superior. (STEIN, 1984. p. 27)

Então, até o presente século pode ser visto um amplo crescimento na educação da mulher. Apesar que em alguns setores seja em educação ou profissional exista um certo preconceito, hoje as mulheres tem a liberdade de estudar, e como consequência serem inseridas no mercado de trabalho.

1.2- O casamento no século XIX, uma forma de aceitação social para a mulher.

Sabemos que no Brasil colonial era habitual que as famílias enviassem suas filhas a instituições religiosas quando não encontravam casamento adequado com sua posição social. Dessa forma, a menina ficava resguardada e assim mantinha sua honra. Em relação a isso, Ingrid Stein (1984) aborda em seu livro que o convento era uma das opções em que os pais ou até mesmo maridos usavam como uma condição de correção para mulheres que estivessem com sua conduta moral indesejada.

Naquela época, a maioria dos casamentos dos filhos eram arranjados pelos pais, eram raros os casos em que os filhos tinham alguma influência na escolha do cônjuge.

As moças casavam-se muito cedo, na faixa entre treze e quatorze anos. Tendo em vista a idade que se dava o casamento, não se pode falar em decisão baseada em espírito de responsabilidade. O que era considerado muito importante era o dote que era levado consigo. (STEIN, 1984, p. 31).

Outro fator importante que a escritora Stein também diz sobre a mulher, é que ela, solteira ou casada, não desfrutava de independência financeira: o dote não era posse da mulher com a qual entrou na união conjugal, mas sim, uma contribuição da casa paterna para o mantimento da filha, o qual era administrado pelo seu novo responsável, no caso, o marido.

O casamento na vida da mulher era algo importantíssimo, pois era através disto que ela mantinha um status social mais superior. A mulher não tinha condições de promover-se socialmente por esforço próprio, o único caminho era o casamento. Ao casar-se, a autoridade do pai é transferida automaticamente ao marido, assim como sua expulsão da vida pública é mantida, em que limitava-se seu poder decisivo somente no ambiente domiciliar. (STEIN, 1984, p. 32).

É importante ressaltar que a única oportunidade de comunicação com o mundo fora do lar era a atividade de magistério primário, mas esta profissão era admitida somente para mulheres de classe média e, ainda assim, com refreamento, pois ao exercer alguma atividade remunerada acontecia automaticamente uma queda de nível social. A profissão de professora era destinada para aquelas mulheres que se vissem obrigadas a trabalhar pelo fato de ter menos recursos.

Deste modo, o solterismo, convento e magistério correspondiam a desvalorização, assim, restando somente o casamento como uma alternativa social, em que, no entanto, era um ponto central para a vida social da figura feminina daquela época.

1.3- A vida sexual da mulher do século XIX.

Outro tópico que Ingrid Stein aborda é em relação à vida sexual da mulher do século XIX, ela diz que a mulher de classe privilegiada não tinha a permissão de se envolver em qualquer experiência sexual antes do casamento. Quando os homens

mantinham esse tipo de relação com alguma mulher fora do casamento, era nos casos forçados, mas com mulheres de camadas sociais mais pobres, como por exemplo, escravas, empregadas ou prostitutas.

O relacionamento entre o casal antes do casamento se dava em encontros aos quais deveria estar presente ao menos uma pessoa. Tinha-se o costume de o enamorado rapaz ir até a janela da moça fazer serenatas ou mandar-lhe cartas como prova de seu amor. Essa era uma das formas de um amor platônico e de total abstinência sexual, e era exigida principalmente à mulher a preservação de sua virgindade. (STEIN, 1984, p.33)

Antônio Cândido diz que os casamentos nos tempos coloniais eram contraídos visando principalmente a interesses econômicos e políticos, e em segundo plano a importância do afeto e atração sexual. Mesmo na metade do século XIX não era os sentimentos que decidiam a ligação entre dois jovens para o casamento. (CÂNDIDO, 1951, *apud* STEIN, 1984, p. 34)

Sendo assim, o marido podia eventualmente se proporcionar a ter amantes ocasionais ou fixas e ordenar essa situação com a de pai de família. Dessa forma, havia um acordo silencioso neste sentido com a sociedade e até mesmo com sua esposa, uma vez que as aparências fossem mantidas e a esposa não perdesse seus privilégios do seu *status* de mulher casada.

Ingrid Stein (1984, p. 36) diz que já no caso da mulher, ela não poderia de maneira alguma manter amantes eventuais ou fixos. Talvez o controle exercido sobre ela, sobre suas saídas ou contatos com a vida pública a dificultasse de ter uma vida amorosa extraconjugal.

Há um outro ponto importante para se observar: é a compreensão da existência de regras diversas de comportamento sexual tanto para homens como para mulheres: é a paternidade. Dizemos que o marido só tem a certeza de que aquele filho gerado por sua mulher é seu se tiver a certeza de que não houve nenhum outro contato sexual da mulher. Assim, a escritora Stein diz que esse ponto tem sido crucial para a humanidade desde a antiguidade, pois sempre simulou um elemento significativo na investida de restringir a atividade sexual da mulher a seu esposo.

Em resumo, pode-se concluir que no período colonial a mulher assumia um símbolo de reprodução em que era feita para procriar e parir. Dessa forma, desprovida de valorização, assumia o caráter de mãe, frágil e submissa. Seu corpo tinha o sentido de reprodução, valorizando a sexualidade feminina na disciplina.

1.4 Mestiça, uma das diversidades brasileira.

Para que se complete o estudo sobre a mulher nesta pesquisa, faz-se necessário salientar um pouco sobre mestiçagem e conseqüentemente, a mulher mestiça, e como de fato foi dada sua origem no Brasil. E para isso, Gilberto Freyre serviu de base para essa curta reflexão.

Sabemos que a mestiçagem é fruto de dois elementos de raças diferentes. Gilberto Freyre (1933) afirma que a maior vantagem da miscigenação é a formação do brasileiro – “tipo ideal de homem moderno para os típicos europeus com sangue negro ou índio a avivar-lhe a energia” (FREYRE, 1933, p.47 *apud* PRAVAZ, 2000, p. 45).

Gilberto Freyre (2006, p. 160) aborda que os portugueses no século XVII iam buscar entre as filhas das caboclas esposas legítimas até mesmo entre os mais ricos e alguns neerlandeses cheios de “paixões”. Ele diz que essa busca já não era igual ao primeiro século, em que procuravam as índias ou filhas das índias por escassez da mulher branca, mas por preferência em desejos sexuais pelas indígenas.

O interessante que Gilberto Freyre também aborda em seu livro que:

A preferência pela mulher gentia pelos europeus também teria sido por motivo mais social que sexual: da parte das índias a mestiçagem se explica pela ambição de terem filhos pertencentes à raça superior, pois segundo as ideias entre eles só valia o parentesco pelo lado paterno. (FREYRE, 2006, p.160).

Outro ponto que o autor diz é que se não existisse entre a maior parte dos portugueses evidente pendor para tal ligação com as indígenas, livre ou sob benção da igreja, com as caboclas, a ela teriam sido levados pela força das circunstâncias, gostassem ou não de mulher exótica, sim, porque elas eram consideradas assim, mulheres sensuais, irresistíveis. Esse fato se dava porque na terra quase não existiam mulheres brancas, dessa forma, seria difícil povoar as terras.

Freyre (2006, p.163) também destaca que o certo é que sobre a mulher gentia fundou-se e desenvolveu-se através dos séculos XVI e XVII o grosso da sociedade colonial, dando assim um crescimento em um largo e profundo mestiçamento.

No livro *Casa - grande e senzala*, Gilberto Freyre (2006, p.161) relata que o europeu saltava em terra escorregando em índia nua. Até mesmos os padres da Companhia precisavam descer com cuidado para que não viessem a cometer

pecados carnavais com tamanha beleza das índias. Muitos clérigos deixaram-se levar pela devassidão.

Silvana Godoy², em seu artigo diz que :

Lembremos que os homens pediam mulheres livres aos índios. Em determinados cronistas de época, há grande silêncio sobre violência nas relações sexuais entre súditos portugueses (não necessariamente reinóis) e mulheres indígenas. Decerto que não era um mundo muito preocupado com o que hoje chamaríamos de prazer sexual e gozo femininos, mas talvez o silêncio revele uma situação corriqueira. (GODOY, 2017, p.20)

E mediante a essas situações, o resultado desse contato, que era somente o físico, saia-lhes os filhos mestiços, que porventura eram também bastardos; na qual muitas vezes eram criados longe dos padrões cristãos, cresciam à toa, pelo mato; alguns eram até ruivos e de pele clara. Dessa numerosa descendência mestiça, muitos eram absorvidos, e outros viviam em uma espécie de meio-termo entre a vida selvagem e sob a influência europeia e suas feitorias, que no caso é o exemplo, da personagem aqui por nós analisada.

Quando falamos em mestiços brasileiros, esperamos que eles demonstrem sua miscigenação pela aparência física, mas nem todos os mestiços aparentam, fenotipicamente falando, ser mestiços. Contudo, conclui-se que a identidade mestiça não é definida pela aparência, mas pela sua origem. Assim, um mestiço pode ter a aparência de um indígena, de um branco, de um preto, de um amarelo ou até mesmo outra aparência. No entanto, sabemos que padrões de aparência são próprios dos ideais de raça; o mestiço não é uma raça, mas uma mistura, assim não possui um padrão de aparência. Godoy (2017, p.21) fala que a palavra mestiço propriamente dita não aparece nas fontes em que ela consultou, mas há alusões a bastardos, a mamelucos e a filhos de brancos.

Portanto, vemos que Alencar traz a tona essa originalidade em sua personagem Isabel, pois ele não a descreve com uma aparência de indígena, e muito menos como uma branca, mas sim a descreve como uma beleza diferente e irresistível.

² Professora e doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ). Artigo “Filhos de brancos, bastardos e mamelucos em famílias mestiças (São Paulo, séculos XVI e XVII)”. Publicado na revista digital Arquivo Nacional no período de jan. / jun. 2017.

CAPÍTULO II

JOSÉ DE ALENCAR, O PATRIARCA DA LITERATURA BRASILEIRA.

2.1 José de Alencar, o mestre do romantismo.

Nas primeiras páginas do livro *O guarani* encontramos um pequeno apanhado sobre a vida do escritor José de Alencar. José Martitiano de Alencar nasceu em Mecejana (Ceará), no ano de 1829, e morreu no Rio de Janeiro, em 1877, sendo filho do ilustre político do mesmo nome. Apesar da forte impregnação sentimental que a região de origem sempre teve na sua obra e nas suas atitudes, cresceu e estudou no Sul, formando-se em São Paulo, em 1850. No livro também relata que no período de 1831 a 1840, inúmeras rebeliões abalaram o governo regencial: a Cabanagem; a Sabinada; a Farroupilha e a Balaiada.



Quando essas rebeliões estouraram, a família de Alencar morava no Rio de Janeiro. Filho de político, o jovem Alencar assistia e certamente tomava gosto pela política.

Em meio à agitação de uma casa frequentada por muita gente, como era a de seu pai, na oportunidade de ir até São Paulo acompanhar seu primo, onde esse completaria o curso de Direito, Alencar resolveu seguir a mesma carreira do primo e do pai. (ALENCAR, 1999. p.12)

Para Alencar, o Romantismo não era apenas um estilo artístico: acabou tornando-se um estilo de vida. O livro ainda descreve que seus seguidores, como os acadêmicos de Direito, exibiam um comportamento bem típico: vida boêmia, regada a muita bebida e farras. As farras, segundo eles, para animar a vida na tediosa cidade; a bebida, para serem tocados pelo sopro da inspiração. Introvertido, o jovem Alencar mantinha-se indiferente a esses hábitos, metido em estudos e leituras. Lia principalmente os grandes romancistas franceses da época.

Em *Presença da Literatura Brasileira*, Candido (1973, p. 39) nos afirma que por toda sua vida, José de Alencar, dedicou-se à literatura, ao jornalismo, à advocacia, foi funcionário e político, tendo sido repetidas vezes deputado conservador pela sua Província e, de 1868 a 1870, ministro da justiça. Não conseguiu, apesar de bem votado, ser feito Senador, que era sua grande meta, e isso terá contribuído para

agravar nele a misantropia e a irritabilidade, que eram acentuadas, apesar de ter sido muito feliz na vida de família, depois do casamento um pouco tardio, em 1864.

Ainda segundo Candido, (1973, p.41), a carreira literária de Alencar se inicia com as crônicas, que depois reuniu sob o título de *Ao Correr da Pena* (1856). Mas, a notoriedade foi devida aos artigos polêmicos do mesmo ano, contra o poema épico *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, nos quais traçava o programa de uma literatura nacional, baseada nas tradições indígenas e na descrição da natureza, mas norteadas por uma rigorosa consciência estética. Para juntar o exemplo à teoria, publica, em 1857, *O Guarani*, que fora precedido por um pequeno romance, *Cinco Minutos*. A partir daí não cessaria mais de escrever e publicar com relativa abundância em três fases mais ou menos distintas.

Ao estudarmos um pouco sobre a vida do autor, notamos que sua obra traça um perfil da cultura e dos costumes de sua época, bem como da História do Brasil, tendo como preocupação essencial a busca de uma identidade nacional, seja quando descreve a sociedade burguesa do Rio de Janeiro, seja quando se volta para os temas ligados ao índio ou ao sertanejo. Seus romances costumam ser classificados em quatro categorias: urbanos, históricos, indianistas, e regionalistas.

A obra urbana de Alencar segue o padrão do típico romance de folhetim, retratando a alta sociedade fluminense do Segundo reinado, com tramas que envolvem amor, segredos e suspense. Mas por trás da futilidade dos namoricos da Corte está a crítica à hipocrisia, à ambição e à desigualdade social. (AMARANTES, 1999, p.11)

José de Alencar também chega a analisar o caráter psicológico de suas personagens femininas, revelando seus conflitos interiores e antecipando as características da escola realista, que sucedeu o Romantismo. Seus romances urbanos são: *Cinco minutos* (1860), *A viúvinha* (1860), *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *A pata da gazela* (1870), *Sonhos d'ouro* (1872), *Senhora* (1875) e *Encarnação* (1877). *Senhora* é considerado o mais importante deste grupo. (AMARANTES, 1999, p.12)

Maria Cecília Boechat (2003, p.15) diz que os livros indianistas buscam transportar as tradições indígenas para a ficção, relatando mitos, lendas, festas, usos e costumes, que por muitas vezes José de Alencar lia para compor seus personagens indígenas. Dessa forma, o índio é visto de maneira idealizada, que representa, em nível simbólico, a origem do povo brasileiro. Nesse sentido, seus textos trazem a imagem do homem branco (europeu) como corrompido pelo mundo civilizado e apresenta o índio com ares de "bom selvagem", destacando seu caráter bom, valente

e puro. Seus romances indianistas são: *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874).

É importante ressaltar que Alencar também buscou inspiração em nosso passado para escrever romances históricos, propondo uma nova interpretação literária para fatos marcantes da colonização, como a busca por ouro e as lutas pela expansão territorial. Seus enredos denotam em vários momentos um nacionalismo exaltado e o orgulho pela construção da pátria. Suas obras históricas foram (Cf. CANDIDO, 1973, p.40): *As Minas de prata* (1865), *Alfarrábios* (1873), *A guerra dos mascates* (1873).

Amael Oliveira³ em seu artigo “O rosto de jano: imagens ambivalentes da natureza em *O guarani*, de José de Alencar” (2009) relata que:

Os romances regionalistas denotam o interesse do autor pelas regiões mais afastadas do Brasil, alheias à influência europeia que predomina na Corte fluminense. Assim, ele alia os hábitos da vida no campo e a cultura popular à beleza natural e exótica das terras brasileiras. Se nos romances urbanos as mulheres são sempre enfatizadas, nas obras de cunho regional os homens recebem o destaque, com toda a sua rudeza, enfrentando os desafios da vida, enquanto que as mulheres assumem papéis secundários.

Seus romances regionalistas são: *O gaúcho* (1870), *O tronco do Ipê* (1871), *Til* (1872), *O sertanejo* (1876). Com eles o autor focalizou, respectivamente, os pampas, o interior paulista e o sertão nordestino, procurando dar conta de nossa diversidade regional.

O escritor deixou a política após ter seu nome vetado pelo imperador D. Pedro II para o cargo de senador. Deprimido e debilitado pela tuberculose, de que sofria desde a juventude, foi para a Europa para se tratar. Sem obter resultados, voltou ao Brasil em estado grave, morrendo pouco tempo depois, aos 48 anos. (ARANTES, 1999, p.12).

E com toda essa trajetória consagrou-se como um autêntico romancista da Literatura Brasileira.

³ O rosto de Jano: Imagens ambivalentes da natureza em *O guarani*, de José de Alencar. Trabalho acadêmico publicado na revista *Linguagem da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)*. Extraído do site: http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao09/artigos_oliveiraa.php.

2.2 - O romantismo de José de Alencar.

A obra de José de Alencar sempre foi vista pela história literária brasileira de maneira diversificada. Se por um lado o sucesso junto aos leitores o manteve entre um dos autores mais lidos no país, por outro, a crítica das suas publicações tratou a produção do escritor de maneira indiferente. Enquanto os leitores iam diariamente aos jornais em busca dos capítulos publicados nos folhetins, a crítica adotava uma posição de silêncio referindo-se à suas obras.

Maria Cecília Boechat (2003) diz que para entender melhor a obra de Alencar é preciso recuperar “a presença de uma forte autoconsciência ficcional, reflexiva, com a qual, ao contrário do que sempre quisemos admitir, o texto de Alencar estabelece sua relação crítica consigo mesmo, com o leitor e com a realidade brasileira”.

De acordo com Candido (2002, p.52) o Romantismo brasileiro “foi o episódio do grande processo de tomada de consciência nacional, construindo um aspecto do movimento de independência. Afirmar a autonomia no setor literário significava cortar mais um liame com a mãe pátria [Portugal]”. É dentro desse contexto, que Alencar irá despontar como o maior símbolo do engajamento que os escritores do período mantiveram com o objetivo de formação nacional.

Antonio Candido também evidencia que já na crítica literária de Alencar, a literatura brasileira “aparece como expressão da dialética secular que sintetiza em formas originais e adequadas a posição do espírito europeu em face da realidade americana”. (CANDIDO, 2002, p. 51 *apud* BOECHAT, 2003, p.61).

Há alguns impedimentos quanto à literatura de Alencar: ela, como nosso romantismo, vem a se expressar de uma maneira original, ela o faz ingênua e exageradamente, através de uma particularidade que impede o universalismo, ou seja, a maneira de um modo de narrar que, além de diferente em relação aos padrões românticos de seu tempo não poderia, no entanto, deixar de se expressar de modo adequadamente romântico.

Através de uma grande crítica ao poema “*A Confederação dos Tamoios*”, de Gonçalves de Magalhães, cuja publicação tinha sido patrocinada pelo imperador D. Pedro II com a finalidade de estimular a literatura nacional, José de Alencar resolveu insistir no ambiente das letras da corte imperial. Essa crítica encaminhou José de Alencar a uma autopromoção, pois o próprio imperador auxiliou nos debates, trocando

cartas com o escritor. Depois dos debates, José de Alencar publicou *O Guarani*, romance no qual desenvolveu-se boa parte de suas críticas ao poema de Magalhães.

Foi dentro da perspectiva romântica que artistas e intelectuais, através dos sentimentos e valores nacionais, se permitiam a construir uma identidade para o Brasil. Nessa perspectiva, José de Alencar se destaca por defender um estilo “brasileiro” na língua literária. Reivindicando o direito dos brasileiros a uma língua e literatura genuinamente brasileiras e criticando, assim, todos aqueles que pensavam que deveriam escrever tal como escreviam em Portugal. (BOECHAT, 2003, p. 31)

E ainda sobre essa linguagem literária, Leite (1979) diz que :

A literatura colonial se volta quase exclusivamente para a descrição das belezas, do heroísmo e virtudes naturais do país. Era quase inevitável que isso acontecesse (...) durante todo o período colonial, a sociedade brasileira não teria ainda, a estabilidade de características que pudesse cristalizar-se em expressões literárias. (LEITE, 1979, p. 41)

Nessa época havia uma motivação de caráter político, que incentivava a aceitação dos heróis tidos como “selvagens”, que foi a recente proclamação da independência. Havia nesse momento uma busca de um legítimo representante da raça brasileira, foi então que optou-se pelo indígena.

Leite (1979, p.44, 45) nos diz que o mais importante desses símbolos que passaram a representar o país foi o índio. Ele afirma que essa elevação do índio à categoria de símbolo nacional pode ser compreendida como forma de se opor aos portugueses. Assim, era uma forma de realizar uma separação decisiva, na qual seria encontrar um símbolo de independência e oposição, pelo fato das tradições brasileiras se confundirem com as dos portugueses. Portanto ele diz que o indianismo chegou a ser definido nos romances de Alencar, ou seja, um símbolo de características positivas, ou de modelo de comportamento ideal.

Boechat (2003) diz que foi nesse contexto que o índio surgiu como super-herói na ficção brasileira, e Alencar foi o escritor que melhor o introduziu em seus romances, transformando a raça indígena em um conjunto de homens puros, honestos, bons, educados e corajosos, atuando bravamente no extraordinário cenário da selva brasileira, onde viviam em plena harmonia.

Podemos notar que a literatura romântica estava impregnada de nacionalismo e o recente episódio da Independência mantinha acesa a chama em torno dos valores da Pátria, exaltando em prosa e em verso a sua História, a natureza selvagem, o índio

(como símbolo nacional), o sertão, o regionalismo, a vida urbana, onde a figura feminina é notável, entre outros marcos importantes que contribuíram para o surgimento desse período.

Há também um fator importante de Alencar, a sua literatura indianista, umas das marcas mais expressivas nas obras alencarianas. As obras indianistas revelam sua paixão romântica pelo exotismo, encarnado na figura do índio, com todos os seus costumes, crenças e relações sociais. Sua descrição sempre se opõe à imagem do homem branco, "estragado" e corrompido pelo mundo civilizado. O índio de José de Alencar ganha aspectos lendários e míticos, com ares de "bom selvagem". Ele decreve-os de uma forma exorbitante, em que muitas vezes funde seus sentimentos com a beleza e a harmonia exótica da natureza. Caracterizando a bondade, nobreza, valentia e pureza do selvagem.

Portanto, José de Alencar foi um importante pesquisador do universo indígena. Alencar criou, em suas obras, um painel da brasilidade, focalizando o índio nos vários estágios de interação com o colonizador, por vezes um nativo portador de integridade e ingenuidade, mas também um índio heróico e viril quando via sua dignidade ameaçada, como é o caso de *O Guarani*. Seus romances indianistas são: *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*.

Desse esforço surge uma obra múltipla. *O guarani* seria, no campo literário, o que representou no campo político a independência do país. A obra é esse trabalho de construção consciente, como se pretende mostrar posteriormente, da nação. Ao contrário do que normalmente se pensa, a literatura não é influenciada pelo movimento de descoberta de um povo brasileiro, mas é, na verdade, sujeito ativo na participação desse processo de elaboração.

Em *O Guarani*, um dos livros mais destacados da obra de Alencar, evidencia-se o estilo descritivo, mas também o caráter aventureiro dos romances do autor.

Afrânio Coutinho (1986, p. 252, *apud* BOECHAT, 2003, p.37) corrobora com tais considerações sobre Alencar ao afirmar que as apreciações de boa parte das análises feitas na segunda metade do século XIX se fundamentavam em referências à vida pessoal do escritor cearense.

Alfredo Bosi (1994, *apud* BOECHAT, 2003, p.19) diz que "o lugar de centro [no romantismo], pela natureza e extensão da obra que produziu, viria a caber com toda justiça a José de Alencar". Bosi reafirma a importância já direcionada por Cândido, destacando o escritor como mestre superior na arte literária romântica.

(...) Alencar, ao descrever a natureza e os ambientes internos, é tão preciso como qualquer prosador do fim do século. É claro, há mais participação emotiva no ato de descrever no romântico que no naturalista. (BOSI, 1994, p. 140 *apud* BOECHAT, 2003, p. 19)

No entanto, entender a obra alencariana, é entender a obra como fenômeno histórico, ou seja, dentro de um contexto de produção e recepção, busca-se também compreender o texto literário como um produto para além da história. Alencar se posiciona dentro do Romantismo brasileiro como um alvo de destaque, e não o faz por ingenuidade, mas coloca a crítica atual ao relatar e explicar um tecido social maior no qual o escritor cearense não é só peça formadora, mas também, um idealizador da imagem de nação brasileira.

No romance *O Guarani*, um dos destaques é que Alencar quer dar ênfase ao rosto mestiço do Brasil. A presença do Brasil em sua verdadeira origem. Nesta obra, José de Alencar não quer demonstrar de fato a escravidão da época, mas em suas palavras iniciais do livro ele usa o termo “vassalo”.

E dizia:

“Dir-se-ia que, Vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano”, (ALENCAR, 1999. p.21).

Essas palavras nos sugerem que o termo “vassalo” traz uma lembrança para os tempos antigos. Uma vez que os conflitos encenados nas primeiras páginas de *O Guarani* não deixam de ser, também, uma representação do complexo universo de relações instauradas aqui no Brasil, no século XVII, entre estrangeiros, índios e mestiços.

José de Alencar se condicionou a escrever suas obras indígenas (Ubirajara – o índio como ser nativo; Iracema – o contato com o branco; e *O Guarani* – a representação da colonização) como forma de representar a prosa nacional, ele não se despreendeu da trivial condição literária do imitar “[...] do conceito aristotélico da mimesis como imitação ou espelho da natureza, [...], do produzir por meio de outras falas, mas protagonizou enredo com substituições e adequações inovadoras ao ambiente, ao herói, ao ideal poético do sentimento e demais personagens da rústica Idade Média, proporcionando uma inovação na linguagem discursiva do romance romântico na literatura brasileira do século XIX. (SAMUEL, 2000, p.151)

Sendo assim, não podemos omitir o caráter histórico que está presente em *O Guarani*, já que é possível encontrar no decorrer da obra representações de um momento histórico, ou seja, um passado, em relação à época do autor. Dessa forma, *O Guarani* também pode ser considerado um romance histórico, uma vez que suas personagens são inspiradas em pessoas reais. Além disso, têm-se também uma caracterização do Brasil da época como sendo um espelho da Europa medieval

Portanto, os romances indianistas também são considerados como romances históricos uma vez que também tratam de temas históricos.

No próximo capítulo veremos através da análise da obra, uma das principais características deste tão renomado escritor: sua sensibilidade em misturar os fatos (estéticos ou históricos) com sua imaginação larga e fértil. O que leva a crítica a recorrer aos mesmos jogos de análise, intensificando o elogio pomposo ou o juízo mais severo.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DA OBRA *O GUARANI* COM ÊNFASE NA PERSONAGEM “ISABEL”: SUAS MARCAS DE OPRESSÃO.

A partir deste momento, se dará início à análise da obra *O Guarani* de José de Alencar. Destacando o comportamento da personagem feminina mestiça Isabel, filha bastarda do dono da casa em que vive, mas que é colocada como sobrinha na família. Mantendo assim, os parâmetros sociais e familiares de uma sociedade patriarcal, tornando-a uma figura de pouca significância para a família Mariz.

Desta forma, nosso foco de análise será a temática do sofrimento em que a jovem passa por toda a obra de Alencar, retratando através do romance, características que a tornam como uma mulher mestiça apaixonada e bastarda que sofre preconceito até o momento de sua morte.

3.1- Resumo da obra.

O romance inicia-se na primeira metade do século XVII, no ano de 1604. Na primeira parte do livro, o autor nos apresenta o Sr. D. Antônio Mariz, pai da heroína Ceci (Cecília), sendo este um fidalgo português que teria participado na fundação da cidade do Rio de Janeiro, em 1567. D. Antônio havia decidido permanecer no Brasil após derrotas portuguesas sofridas no Marrocos. Dessa forma, ele fixa-se no Rio de Janeiro em terras que foram oferecidas por Mem de Sá como retribuição a serviços prestados à Coroa. A residência de D. Antônio é construída em um modelo dos castelos medievais europeus e ele passa a viver lá com sua família, criados e outros companheiros. A propriedade fica localizada na Serra dos Órgãos, às margens do Rio Paquequer, um afluente do Rio Paraíba, local este em que se dará a ação do romance.

No decorrer da narrativa, o filho de D. Antônio, D. Diogo Mariz, mata uma índia da tribo aimoré por acidente durante uma caçada, o que deixa a tribo com sede de vingança. Então, dois índios aimorés vigiam Ceci enquanto a moça se banhava e se preparam para matá-la quando são mortos pelas flechadas certeiras de Peri. Uma índia aimoré que viu todo o ocorrido relata os fatos para sua tribo e isso acaba desencadeando uma guerra entre a família de D. Antônio e os aimoré. A guerra com o aimoré vai ficando cada vez mais tensa, e Peri resolve entregar-se a um ato heroico de sacrifício. Sabendo que a tribo aimoré é antropófaga, Peri toma veneno e vai lutar

na própria aldeia aimoré. Assim, após Peri morrer em combate, os índios iriam devorar sua carne envenenada e acabariam morrendo.

Cecília descobre o plano e pede a Álvaro que o salve. O moço chega no exato momento do sacrifício e liberta Peri, afirmando que Cecília precisa dele vivo, para salvá-la. A moça pede ao índio que viva e Peri obedece, preparando para si um antídoto com ervas. Muitos dos traidores morrem envenenados. Loredano é preso e submetido à morte na fogueira.

O índio tem o ódio de D. Lauriana, que considera sua presença ali uma ameaça a todos. Consegue convencer o esposo a expulsá-lo, mas quando Peri relata a iminência do ataque aimoré, como vingança pela morte da índia, D. Lauriana permite que ele permaneça na casa.

Há outro perigo a rondar a casa de D. Antônio. Um dos empregados, Loredano, está ali com o objetivo de se apoderar de uma mina de prata que fica abaixo da casa. Pretendia incendiá-la e ainda raptar Ceci. Quando ele e seus capangas combinam seu plano de ataque, são ouvidos por Peri

O incêndio planejado por Loredano é evitado por Peri e a traição é finalmente descoberta. D. Antônio ordena que os traidores se entreguem, mas Loredano organiza um levante. Os empregados fiéis a D. Antônio preparam-se para proteger a casa. Ao mesmo tempo, acontece o ataque indígena. Assim, a casa de Mariz sofre ameaças externas e internas.

Álvaro aceita o amor de Isabel e passa a corresponder a ele. Mas sua preocupação se volta principalmente para o confronto com os inimigos.

Álvaro sai para apanhar mantimentos, mas acaba dado como morto na empreitada. Seu corpo é entregue a Isabel que, entrando com ele em um cômodo hermeticamente fechado, espalha ervas aromáticas no local e morre abraçada ao amado.

Como última tentativa para salvar a filha, D. Antônio determina a Peri que fuja com ela. Assim que o índio cumpre a tarefa, o proprietário explode a casa, matando os inimigos que o atacam. Cecília se desespera assistindo à cena.

Uma tempestade atinge Peri e Cecília na canoa que ocupam. Em um verdadeiro dilúvio, Peri e Ceci somem no horizonte.

Ao ler a obra, o leitor encontra intrigas, guerras, traições. e uma veia lírica de amores trágicos que misturam entre si, Ceci, Peri, Isabel e Álvaro. Nisso, o leitor vai

adentrando na obra e encontrando uma diversidade nacional, uma delas é a origem mestiça de Isabel que são questões que escurecem o desenlace afetivo da história.

3.2- Estrutura da obra.

O romance é, na prosa de ficção, a forma narrativa mais longa. Em razão desse fato, as categorias fundamentais do gênero (como personagem, espaço, tempo, ação, etc.) aparecem com interconexões bastante elaboradas. (ABDALA JR., 2002, p.14)

O romance *O guarani* foi construído através de ambiente, espaço, tempo e ação, assim, passando para o leitor, elementos que nos fazem obter contato maior com o contexto da obra.

O Guarani apresenta foco narrativo⁴ em terceira pessoa, sendo o narrador onisciente intruso. Ou seja, o narrador não só possui acesso aos pensamentos e sentimentos das personagens, como também expõe ao longo da narrativa comentários sobre as atitudes das personagens. Abdala JR (2002) diz que:

O narrador comporta-se como um deus em seu universo ficcional: está em todos os lugares e em todas as épocas. Conhece o que está dentro das personagens (seu mundo interior) e o seu contexto histórico. (ABDALA JR., 2002, p.27)

Na obra *O Guarani* podemos ver exemplos do comportamento deste tipo de narrador:

Álvaro enrubesceu pela terceira vez. (ALENCAR, 1999, p.32)

Álvaro às vezes enfiava um olhar pelo caminho como para medir a distância que ainda tinham de percorrer, e outras vezes parecia pensativo e preocupado. (ALENCAR, 1999.p.33)

A parcialidade e falta de distanciamento do narrador serve para conduzir o leitor a admirar-se com a exaltação à natureza descrita na obra *O Guarani*.

⁴ Ponto ou o ângulo através do qual o narrador nos conta a história. (JÚNIOR, 2002, p.25)

(...) o crepúsculo reinava nas profundas e sombrias abóbadas de verdura: a luz coando entre a espessa folhagem, se decompunha inteiramente; nem uma réstia de sol penetrava nesse templo da criação, ao qual serviam de colunas os troncos seculares dos acaris e araribás. (ALENCAR, 1999, p.33)

O *Guarani* apresenta uma estrutura completa de uma ficção. A composição do espaço, o desenho do ambiente, a caracterização da postura física das personagens e a utilização do discurso indireto livre para expressar os pensamentos e as emoções dos personagens combinam-se de forma harmônica, construindo progressivamente o saber da personagem e do leitor.

Em relação a personagem fictícia de uma obra, Beth Brait (1985) diz que:

A apresentação da personagem por um narrador que está fora da história é um recurso muito antigo e muito eficaz, dependendo da habilidade do escritor que o maneja. Num certo sentido, é um artifício primeiro, uma manifestação quase espontânea da tentativa de criar uma história que deve ganhar a credibilidade do leitor (BRAIT, 1985, p. 56)

Contudo, a personagem não é posta em cena por ela mesma, mas por suas aventuras, pelo relato de suas ações. E nem por isso deixa de ter consistência e ganhar credibilidade.

Vale ressaltar que a estrutura do romance também segue o clássico modelo da história romântica: há uma moça bonita, o herói e o vilão. Ceci é a bela “princesa” loira e pura, filha do nobre D. Antônio de Mariz. Por ela se apaixonam três homens: Loredano, Álvaro e Peri. Loredano, que na verdade é o frei Ângelo di Luca, é o grande vilão do romance e sua paixão por Ceci não passa de um desejo sexual.

As personagens da obra são de ficção, mas com atributos que levam o leitor a enxergar a verossimilhança com o mundo real. Para Antonio Candido (1976), uma obra literária, sobretudo um romance, só se realiza plenamente quando comunica aos leitores “a impressão da mais lídima verdade existencial”, por meio “de um ser fictício” (CANDIDO, 1976, p.55).

Dessa forma, Candido quis dizer que uma obra literária só se realiza em toda a sua plenitude quando preza pelo princípio da verossimilhança, ou seja, quando procura convencer o leitor, através de suas personagens, de que tudo o que nela vai escrito pode ser verdade; ou seja, é passível de ser verdadeiro. Portanto, o romance estabelece, uma relação com o mundo real e, conseqüentemente, as personagens daquele, uma relação com as pessoas que vivem neste.

E em relação ao tempo da obra, ele é cronológico e psicológico, uma vez que a narrativa aparece em uma sucessão de acontecimentos e lembranças que o

narrador demonstra do romance. Os espaços da narrativa são físicos e psicológicos. No físico, temos o aberto (margens do Rio Paquequer) e fechado (casa de D. Antônio de Mariz), e, em *O Guarani*, o narrador os descrevem minuciosamente.

A vegetação nessas paisagens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria no meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras. (ALENCAR, 1999, p. 22)

Cadeiras de couro de alto espaldar, uma mesa de jacarandá de pés torneados, uma lâmpada de prata suspensa ao teto, constituíam a mobília da sala, que respirava um ar severo e triste. (ALENCAR, 1999, p.24)

Nesta obra, os espaços são "verdadeiros". Entendemos que os ambientes criados pelo narrador servem para contextualizar suas personagens. É como se fosse, por exemplo, meramente decorativo. Alencar faz um culto à natureza na obra, pois, frequentemente, o autor interrompe a narrativa para, numa atitude bem nacionalista, exaltar a natureza selvagem, exuberante e majestosa de nosso país.

Quanto ao espaço psicológico, ele é interior e reflete os estados psicológicos das personagens.

(...) era Isabel que velava pensativa, enxugando de vez em quando uma lágrima que desfiava-lhe pela face. Pensava no seu amor infeliz, na solidão de sua alma, tão erma de recordações doces, de esperanças queridas. (ALENCAR, 1999, p.71)

Os personagens por toda obra têm uma sucessão de ações. O autor narra fatos presentes, e em outros momentos narra fatos passados, interligando um capítulo ao outro.

3.3- Isabel, mestiça, a beleza natural da mulher brasileira.

Foi descrito no capítulo primeiro deste trabalho, que a mulher do século XIX sofria por certas privações que eram a elas impostas. Assim, podemos observar que a autora Ingrid Stein (1984) quando fala da mulher, ela fala independente de raça, pois tais regras não eram diferentes da mulher de origem indígena, que era de fato considerada uma selvagem. No entanto, sua serventia era somente para os afazeres de casa, assim como para satisfazer sexualmente ao homem branco em suas expedições.

Em *O guarani*, na primeira parte do livro vemos um pouco dessa desvalorização da mulher, neste caso, a indígena, por parte de um dos personagens masculinos da trama. D. Antônio de Mariz em uma conversa com seu fiel escudeiro, revoltado pela morte de uma índia, fala o quão triste está pela perda, mas seu amigo rebate e diz: - mas é preciso ver que casta de mulher é esta, uma selvagem. (ALENCAR, 1999, p.51).

E D. Antônio o responde:

- sei o que queres dizer; não paritlho essas ideias que vogam entre os meus companheiros; para mim, os índios quando nos atacam são inimigos que devemos combater; quando nos respeitam são vassalos de uma terra que conquistamos , mas são homens. (ALENCAR, 1999, p. 51)

No entanto, não havia uma certa importância pela morte de uma mulher, já que se tratava de uma indígena, ou seja, uma selvagem, que não fazia diferença no mundo dos brancos. Portanto, fica explícito que os índios, independente de gênero, ou serviam para o combate nas expedições ou serviam para serem servos do homem branco.

E, é a partir dessa concepção vemos que essa raça era tida somente para isso, e isso observamos na personagem Isabel, uma mestiça bastarda e os preconceitos por ela sofridos em sua própria família.

José de Alencar, trabalhou com esmero a personagem feminina aqui analisada, delineando-a sob diferentes enfoques e com grande maturidade intelectual numa visão sobre a mulher mestiça.

Portanto, Alencar, criou uma personagem que serviu como âncora para que o leitor viesse a se atentar ao que era de costume da época: amor impossível, filhos rejeitados e servidão na casa patriarcal.

Isabel é uma personagem com bastante força dentro da história, uma vez que ela encarna o complexo de inferioridade e o preconceito que sofre por ser mestiça. Dentro da obra, ela é uma personagem coadjuvante, pois segundo Abdala Jr. (2002, p.45) é aquele que pode, ou não, fazer parte da história principal; porém, independente, do seu papel, existe uma trama, um assunto a ser abordado envolvendo este também. A quantidade de sua aparição depende do autor, pois cabe dar suporte à continuidade da história, intermediando as ações e girando ao redor das principais como seres complementares.

E quem era Isabel?

(...) era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade. Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível. (ALENCAR, 1999,p.45).

Isabel é a típica mulher brasileira. Possuía na sua cor selvagem um cheiro do pecado, da sedução, da malícia e tudo isso em sua inocência. E dessa forma, José de Alencar traz em Isabel a sensualidade brasileira em um corpo perfeito, em sua pele morena, cor de cobre, ela era a representação da mulher selvagem na sua graça.

Admirando aquela moça morena, lânguida e voluptuosa, o espírito apegava-se à terra; esquecia o anjo pela mulher; em vez do paraíso, lembrava-lhe algum retiro encantador, onde a vida fosse um breve sonho. (ALENCAR, 1999, p.181).

Embora seja tratada como sobrinha do senhor da casa, é, na realidade, fruto de amor entre D. Antônio e uma índia. Fato este, bastante natural na época da colonização: o português branco se apropriava das terras, das riquezas e também de mulheres tidas como escravas.

Alencar descreve Isabel como uma figura inocente, quase intocável. Uma mulher que luta por seu amor, suplica-o, considerando a possibilidade de morrer por ele. Essa mestiça é mulher de uma imensurável paixão e emoção, como se o sangue que corre em suas veias, provocasse sentimentos irresistíveis e até mesmo profanos, enlouquecendo os homens.

É como se o seu amor fosse pecado, em contraste com aquele amor idealizado, romântico, puro, que toda moça preza em tê-lo. O amor dessa morena instiga o desejo do homem da terra, levando-o assim, à perdição. “O sorriso de Isabel era como um beijo ideal, que fugia-lhe da boca e ia roçar com as suas asas a alma daqueles que a contemplavam”. (ALENCAR, 1999, p.180).

Isabel jamais seria reconhecida como membro da família, pelo contrário, carrega o estigma de alguém impuro e inferior. Aquele a quem é permitido apenas ser fruto de uma relação não sacramentada, desaprovada pela sociedade e fadada ao preconceito e à discriminação.

Ao tentar entender a pluralidade dos sentimentos da jovem Isabel e suas múltiplas capacidades de se agregar aos elementos que sobrevivem ao longo do tempo na ficção, é que chegamos à questão do amor cortês que condiciona ao amor servil. Assim, a personagem Isabel é uma figura feminina mestiça que mantém o

enredo em alguns momentos girando ao seu redor, com suas falas sentimentais, melancólicas, sempre desdenhando de si mesma, o que é nada incomum as condições das jovens senhoras na posição de servas medievais.

- Não sabeis que segredos tem esse amor que vive só de suas ilusões, sem que um olhar, uma palavra o alimente. A mais pequenina coisa é um prazer, uma ventura suprema. Quantas vezes não acompanhava o raio de lua que entrava pela minha janela e que vinha a pouco e pouco se aproximando de mim; julgava ver naquela doce claridade o vosso semblante e esperava trêmula de prazer como se vos esperasse. (...) acreditava que me sorriais, que vossas mãos apertavam as minhas, que vosso rosto se reclinava para mim e vossos lábios me falavam (ALENCAR, 1999, p.190)

Quando se sabe que se pode ser uma causa de desgraça para aqueles que se estima, melhor é desatar o único laço que nos prende à vida do que vê-lo desperdar-se. Não dizeis que tens medo de amar-me? Pois bem, agora sou eu que tenho medo de ser amada. (ALENCAR, 1999, p. 258).

Isabel, uma moça bela, com sua beleza morena, traz uma exaltação da mestiçagem. É através de sua personagem, que fica explícito o preconceito que ela diz sofrer por ser mestiça, chegando a transpassar esse preconceito para a raça de sua própria mãe, que é indígena. “- Ora Cecília, como queres que se trate um selvagem que tem a pele escura e o sangue vermelho? Tua mãe não diz que um índio é um animal como cavalo ou um cão”? (ALENCAR, 1999, p.47).

Dessa forma, Isabel transpassa ao leitor a sensação de inadequação por não se sentir brasileiro, muito menos europeu. Pois entende perfeitamente que seja índio ou o mestiço, ambos não servem para nada, somente para servir aos seus senhores brancos.

Quando lembramos em mestiços, vem à memória aquele orgulho de ser brasileiro, já que somos a junção do branco com o índio. Mas, a beleza natural de Isabel não nos transporta de fato esse pensamento, mas sim, um reflexo de rebaixamento, de vergonha, causada pela relação extra-conjugal e inter-racial impostas pelos portugueses.

Assim, nota-se que a imagem de miscigenação consegue se solidificar apenas como tolerância para com a sociedade. Luiz Rocari fala que:

A diferença entre aceitar ou tolerar o que acontecia de fato – a miscigenação do branco com a índia (como ocorrera com D. Antônio de Mariz, ao gerar Isabel com uma índia) – e a não aceitação nem no plano da ficção e da fantasia, da mistura da mulher branca com o índio, estava justamente no fato de que o primeiro caso se passava no âmbito de uma vida clandestina. Todos a viviam na Colônia (a prática disseminada dos colonos com as índias e escravas negras), num fato sabido, mas impossível de ter reconhecimento legal ou oficial nos moldes como se processava, fora dos moldes do casamento e da vida familiar. (RONCARI, 1995, p. 589)

Em *O Guarani*, Alencar faz uma alusão à fundação da nacionalidade brasileira através do encontro de brancos e índios. Podemos analisar que não é de qualquer branco ou qualquer índio, mas é o encontro do branco cristão, educado e de valores morais intocáveis e do índio domesticado que foi criado para ser seu servo dentro da casa.

A jovem morena vivia de lembranças que causavam-lhe transtorno ao lembrar qual era sua origem, não sentia-se à vontade com sua cor, sua raça.

Em Isabel, o índio fizera a mesma impressão que lhe causava sempre a presença de um homem daquela cor, lembrava-se de sua mãe infeliz, da raça de que provinha e da causa do desdém com que era geralmente tratada. (ALENCAR, 1999, p. 128).

Tamanha era a infelicidade que Isabel sentia por ser orfã e mestiça que lançava sobre si uma condenação que nem ela mesmo a perdoava.

- Sabeis o que eu sou, uma pobre orfã, que perdeu sua mãe muito cedo e não conheceu a seu pai. Tenho vivido da compaixão alheia; não me queixo, mas sofro. Filha de duas raças inimigas, devia amar a ambas; entretanto minha mãe desgraçada fez-me odiar a uma, o desdém com que me tratam fez-me desprezar a outra. (ALENCAR, 1999, p. 189).

Isabel tinha muita amargura em seu coração, mesmo sendo exposta a uma vida religiosa, não conseguia libertar-se de tal sentimento. Na obra alencariana, em todo momento há exaltação à religiosidade. A família do fidalgo estava sempre buscando a presença de Deus. E isso, como sabemos, é uma característica do romantismo que buscava idealizar a relação do homem com Deus, o que fica explícito no romance.

Em um trecho da obra, no capítulo “A prece” há um momento importante em que demonstra esse cristianismo da família Mariz. Pois, ao fim do dia, reuniam-se para realizarem momentos de orações na casa grande. Este era o único momento em que senhores e servos mantinham um momento de comunhão entre si.

Ao redor de Antônio Mariz vieram grupar-se sua mulher, as duas moças, Álvaro e D. Diogo; os aventureiros, formando um grande arco de círculo, ajoelharam-se a alguns passos de distância.

(...)

Era uma cena ao mesmo tempo simples e majestosa a que apresentava meio cristã, meio selvagem; em todos aqueles rostos, iluminados pelos raios do ocaso, respirava um santo respeito. (ALENCAR, 1999,p.57).

Isabel cresceu no meio de toda religiosidade que os brancos seguiam, mas mesmo assim, seu coração continha muita mágoa, dor e pesar por ser uma moça mestiça. É como que suas preces em nada a ajudassem perante isso. “As lágrimas que derramou não foram como as de sua prima, de alívio e de consolo; foram lágrimas ardentes, que, em vez de refrescarem o coração, o queimam como o rescaldo da paixão”. (ALENCAR, 1999, p. 165).

Às vezes, ainda umedecidos de pranto, seus olhos negros brilhavam com um fulgor extraordinário; parecia que um pensamento delirante passava rapidamente no seu espírito desvairado. Então ajoelhava-se e fazia uma oração, no meio da qual suas lágrimas vinham de novo orvalhar-lhes as faces. (ALENCAR,1999, p. 165).

José de Alencar criou na personagem Isabel, a junção de duas raças, e mesmo sendo tratada como a sobrinha, sente-se como uma mera serva de sua própria família. E isso se dá mediante a cor de sua pele: “E eu daria a minha vida para ter a tua alvura, Cecília”. (ALENCAR, 1999, p. 49).

Em um diálogo entre as primas de Cecília e Isabel, nota-se que a mestiça é sempre posta em segundo lugar. Seria essa posição por sua raça ou por ser uma bastarda?

Cecília diz: mas olha que exijo uma coisa.

- O que é? – perguntou Isabel.

É que eu serei a irmã mais velha.

- Apesar de seres mais moça? –disse Isabel.

- Não importa! Como irmã mais velha , tu me deves obedecer?

- Decerto. – respondeu a prima sem poder deixar de sorrir

(ALENCAR, 1999,p. 47)

Então podemos perguntar qual lugar Isabel ocupa na trama de José de Alencar?. Pois, se formos olhar para os costumes da época, Isabel era o exemplo de mulher que não deveria ser seguido. Era fruto de uma união ilegítima, uma filha bastarda o que a tornava inferior à sua família. O autor, dá mais ênfase na personagem Isabel nos capítulos finais de sua trama, onde detalha seu romance com Álvaro. Trazendo a nós leitores grande emoção ao ler suas páginas.

O autor da obra traz à Isabel, uma imagem de mulher sensual, mas também enraizada com um pouco de inveja em seu coração, pelo fato de não possuir a alvura de Cecília.

Ela parou em face de Cecília meio deitada sobre a rede, e não pode furtar-se à admiração que lhe inspirava essa beleza delicada, de contornos tão suaves; e uma sombra imperceptível, talvez de um despeito, passou pelo seu rosto mas esvaeceu-se logo. (ALENCAR, 1999, p.45)

A imagem sensual de Isabel enfatiza o "poder de sedução irresistível", capaz não só de despertar sentimentos indignos, mas de portá-los também, como a insinuada sombra de despeito pela beleza e "superioridade" de Ceci.

Na segunda parte do livro, há um capítulo que é voltado somente para o índio Peri, e logo no início dele, vemos um sentimento de Isabel em relação ao índio, trazendo à tona mais uma vez um sentimento de rejeição em relação a sua raça. “A moça e o índio nem se olharam; odiavam-se mutuamente; era uma antipatia que começara desde o momento em que se viram , e que a cada dia aumentava”. (ALENCAR,1999, p.75)

Aqui vemos que a própria personagem destrata sua raça, isso podemos perceber que é devido ao conflito histórico da época, do preconceito que já era nítido, por serem tratados como escravos para os homens brancos.

Mais à frente veremos que a mestiça bastarda sai da trama através do suicídio, e não através de algum ataque dos bárbaros, que era corriqueiro na época. É notável que na narrativa de Alencar, não há lugar de protagonismo para Isabel pelo fato de ela ser rejeitada pelo mundo branco e não ser portadora de cem por cento do sangue branco; embora fosse criada no meio deles.

Certamente, Isabel foi educada como uma mulher branca, mas mesmo assim ressentida sua situação de estrangeira dentro de sua casa. Isso se deve à distância de sua origem indígena e à rejeição do mundo branco. A mestiça quando fala à sua prima que amaria ser sua irmã, esse desejo era somente seu e de Ceci, e não de seu verdadeiro pai.

(...)

- Se eu fosse tua irmã...

- e por que não hás de sê-lo? Quero que o sejas?

- para ti, que para ele...

E este ele foi murmurado dentro d'alma. (ALENCAR, 1999, p.48).

A mestiça não sofre rejeição de sua raça somente pelos brancos tidos como seus familiares, mas também pelos aventureiros, amigos de D. Antônio de Mariz, pois veem a morena como um objeto para realizar seus desejos carnis, já que era de uma beleza sedutora. Alencar, (1999, p.166) fala que Isabel era paixão. “- E disseste também – continuou Rui no auge da desesperação - que a outra sua filha pertencerá, a nós que jogaremos à sorte para decidir a qual deverá tocar?” (ALENCAR, 1999, p.106).

Nesta fala dos aventureiros vemos a mulher como objeto sexual para o homem. E sabemos que naquela época se a mulher se tornasse cúmplice da vergonha, o homem estava obrigado a retaliar esse comportamento com o objetivo de recuperar a honra. Mas, no caso , de Isabel, por ser uma bastarda e mestiça, essa honra jamais a teria de volta.

Isabel fica como um reflexo do personagem principal do enredo, o índio Peri. Ele, um indígena que se apaixona por uma branca, e Isabel, uma mestiça que se apaixona por um branco. É como se Alencar construísse a personagem da mestiça acolhida pelo mundo branco e civilizado. Ficando apenas subentendido que já era algo normal as relações sexuais que havia entre um senhor branco e uma escrava indígena.

Isabel é uma personagem resistente dentro do enredo, mesmo que fique em um segundo plano aos olhos do leitor, ela consegue se destacar nas linhas de José de Alencar. No último tópico desta pesquisa, veremos com mais veemência que há um trecho marcante, que é a sua morte, que é única, ela escolhe o momento e a maneira de partir, suicidando-se ao lado do amante idealizado.

(...)

Deixou cair a cabeça desfalecida, e seus lábios se uniram outra vez num longo beijo, em que essas duas almas irmãs, confundindo-se numa só, voaram ao céu e foram abrigar-se no seio do Criador. (ALENCAR,1999, p. 332).

E dessa forma, mais uma vez a trama alencariana traz em suas linhas um sofrimento feminino, mas dessa vez com mas vigor, pois a personagem mestiça sofre de amor e de desprezo na família.

3.4- A posição de Isabel em seu âmbito familiar.

Aqui, analisamos a personagem Isabel dentro do contexto da colonização portuguesa e procuramos entender sua situação na esfera familiar.

Sabemos que os relacionamentos entre colonizadores brancos e mulheres indígenas, posteriormente, parecem transfigurar-se tematicamente em alguns outros momentos de nossa Literatura, onde homens brancos bem posicionados socialmente submetem de variadas formas as mulheres de estratos sociais excluídos ou fragilizados, não raro abandonando-as. Este, nos parece um elemento que José de Alencar quis trazer à tona em sua obra *O Guarani*, pois foi dessa forma que Isabel foi criada.

D. Antônio de Mariz sentia por aquela mulher que abandonara no passado, e isso causava-lhe lembranças dolorosas.

Sim, Isabel é minha filha (...) e perdoa-me a indiferença que lhe causei e a infelicidade involuntária que causei à sua mãe. A voz do velho fidalgo tornou-se um tanto trêmula e comovida; sentia-se que uma recordação dolorosa, adormecida no fundo do coração, havia despertado.
- Pobre mulher – murmurou ele. (ALENCAR, 1999, p.171)

Em *O guarani*, de José de Alencar, não há nenhuma menção detalhada acerca do relacionamento de D. Antonio Mariz com uma índia, mas entre poucas linhas em que esse fato foi descrito, notamos que esse dissabor transparece na personagem de Isabel .

A seguir, um trecho da obra em que fica claro o sentimento de preconceito sofrido pela mestiça dentro da casa de D. Antônio de Mariz.

(...) Sei que tu não pensas assim, Cecília; e que teu bom coração não olha a cor do rosto para conhecer a alma. Mas os outros?...Cuidas que não percebo o desdém com que me tratam?
- Já te disse por vezes que é uma desconfiança tua; todos te querem e te respeitam como devem.
Isabel abandonou tristemente a cabeça.
- Vai-te bem o consolar-me; mas tu mesma tens visto se eu tenho razão.
- Ora, um momento de zanga de minha mãe...
- É um momento bem longo, Cecília! Respondeu a moça com um sorriso amargo.
- Mas escuta, disse Cecília passando o braço pela cintura de sua prima e chamando-a a si, tu bem sabes que minha mãe é uma senhora muito severa mesmo para comigo.
- Não te cansas prima: isto só serve para provar-me ainda mais o que já te confessei: nesta casa só tu me amas, os mais me desprezam. (ALENCAR, 1999, p.47)

O texto nos faz pensar que Isabel sabe de sua origem bastarda, que sabe que é irmã de Cecília, mesmo que desconfiada, prefere manter o segredo da família Mariz. Nesta fala, também notamos que é perceptível o sentimento de inferioridade que a moça possui. É como se ela quisesse mostrar à sociedade que o mestiço é mal visto

pelas pessoas, principalmente da maneira em que ela foi concebida, fruto de uma “brincadeira” entre seus pais.

Notamos que Isabel no seu mais profundo, deseja ser aceita na família, mas as circunstâncias da época e de sua própria realidade, impedem-na. O que a mais conforta é a aceitação que ela tem de Cecília, que não hesita em esconder seu afeto por ela.

- pois bem, replicou Cecília, eu te amarei por todos; não te pedi já que tratasses como irmã?
-Sim ! e isto me causou um prazer , que tu não imaginas. Se eu fosse tua irmã! ... (ALENCAR, 1999, p.47).

Nesta fala de Isabel vemos o sentimento que ela nutre por sua irmã Cecília e também o desgosto que ela sente em não ser a “irmã” de sangue. A postura de Isabel na casa deixa nítido o seu sofrimento. Ela é mencionada pelo narrador ao final do segundo capítulo da primeira parte da obra, onde aparece como o último componente da família de D. Antonio Mariz, que é a figura central desta narrativa de José de Alencar.

D. Isabel, sua sobrinha, que os companheiros de D. Antônio, embora nada dissessem, suspeitavam ser o fruto dos amores do velho fidalgo por uma índia que havia cativado em uma das suas explorações.
(ALENCAR, 1999, p. 30).

Será que foi proposital Alencar deixar para expor por último a origem de Isabel, já que havia essa suspeita de ser uma bastarda? Sabemos que é fato histórico que os colonizadores portugueses dedicavam-se nos primeiros tempos da colonização à caça de nativos para aprisioná-los e utilizá-los como mão de obra escrava. No próprio livro *O Guarani* há várias passagens que dão conta desta realidade.

O índio naquela época era tido como um escravo, e podemos notar que no trecho acima vimos que “ O velho fidalgo havia cativado uma índia”. É como se ele tivesse aprisionado a índia para si, e nessa ocasião ela se entregou à suas paixões. E desde então, veio a existência de Isabel.

Esse desfecho, essa posição familiar que Isabel se encontra dentro da família traz para si uma atribulação sentimental. O ambiente familiar para Isabel, portanto, não é muito confortável, sendo assim, isso explica o constante sentimento de amargura em que a moça vive.

No decorrer da história é possível notar em Isabel um desconforto em relação a D. Lauriana, a esposa de D. Antônio Mariz. Isabel sabia que a sua “tia” não a apreciava tanto. A esposa de D. Antônio tinha um jeito soberbo e arrogante.

D. Lauriana era uma senhora de cinquenta e cinco anos; magra, mas forte e conservada como seu marido (...) quanto ao moral, já dissemos que era uma mistura de fidalguia e devoção; o espírito de nobreza que em D. Antônio de Mariz era um realce, nela tornava-se uma ridícula exageração (...) aproveitava o fato de ser a única dama fidalga daquele lugar para esmagar os outros com a sua superioridade, e reinar do alto de sua cadeira de espaldar, que para ela era quase um trono. (ALENCAR, 1999, p. 53)

Ingrid Stein em *Figuras Femininas* de Machado de Assis (1984, p. 22), diz que em relação à posição social, a mulher ocupava, na família, uma posição secundária, inferior à do homem. No entanto, D. Antônio procurava satisfazer em tudo sua esposa, diz José de Alencar, (p. 53), D. Lauriana fazia questão de não esconder o seu desgosto por Isabel, principalmente ao seu marido.

Só em um ponto a sua firmeza tinha sido baldada; e fora em vencer a repugnância que dona Lauriana tinha por sua sobrinha; mas como o velho fidalgo sentia talvez doer-lhe a consciência nesse objeto, deixou sua mulher livre de proceder como lhe parecesse e respeitou os seus sentimentos. (ALENCAR, 1999, p. 54)

D. Mariz sabia do erro que cometeu perante a sua esposa, traindo-a. Dessa forma, a deixava livre no tratamento com sua filha bastarda. É como se fosse uma forma de D. Antônio se redimir perante seu pecado. Mesmo que isso causasse dor à sua filha, o seu comportamento como “pai” não existia em relação à jovem.

Nas páginas de *O Guarani*, vemos esse distanciamento entre pai e filha. D. Antônio sempre beijava sua filha Cecília. “Cecília ofereceu a fronte ao beijo de seu pai e de sua mãe (...); Isabel tocou com os lábios as mãos de seu tio e curvou-se em face de Lauriana (...)”. (ALENCAR, 1999.p.58).

Embora, D. Mariz tenha acolhido Isabel em casa, fica nítido que para o senhor Antônio, Isabel, não passava de uma sobrinha que vivia na casa dele. Segundo ele, seus filhos eram somente Diogo e Cecília.

O relacionamento entre pai e filha não existia, portanto, Isabel sofria por morar com o pai, mas não ser reconhecida como filha. Pois D. Antônio amava somente a Cecília, ela, para ele, era sua vida. “(...) foi para D. Antônio de Mariz uma só ideia e um só movimento que realizou com a força e com a impetuosidade do sublime amor

de pai, que era toda a sua vida”. (ALENCAR, 1999, p.122). E isso, com certeza trazia consequências para os sentimentos de Isabel.

Godoy (2017, p. 21) diz que o sistema de herança português, em meio a casamentos e recasamentos constantes, gerava problemas sucessórios e que a presença de filhos bastardos ou adulterinos reconhecidos por seus pais, e mesmo por suas madrastas, apenas complicava ainda mais o sistema sucessório. No entanto, esse fator se dava por se tratar de ser um filho ilegítimo, e não propriamente por sua raça.

Portanto, o favor, disfarçado de afeto, revela-se no testamento de Dom Antônio Mariz. A condição de filha natural pode ser tolerada na casa, mas o acesso ao nome da família lhe é vedado.

- O que resta a dizer-lhe é difícil; custa sempre confessar uma falta, ainda mesmo quando se fala a almas generosas. Tenho uma filha natural: a estima que voto a minha mulher e o receio de fazer essa pobre menina corar de seu nascimento obrigaram-me a dar-lhe em vida o título de sobrinha. (ALENCAR, 1999, p.171).

Pela sua posição e pelos costumes da época, Antônio via-se obrigado a rejeitar o sangue de Isabel que corria em suas veias, assim, a mantinha somente como uma sobrinha querida. E mesmo o senhor feudal mantendo essa distância de sua própria filha, era como se fosse uma forma de aviso à sua esposa que estava “tudo bem”. A comunicação entre sobrinha e tia era de poucas palavras. Havia um distanciamento entre elas.

A senhora da casa sempre mantinha distância de Isabel. (...) apesar da repugnância que sentia por Isabel, concebeu que tinha nela um aliado; e dirigiu-lhe a palavra, o que sucedia uma vez por semana. (ALENCAR, 1999, p.91).

Esse ódio que D. Lauriana têm por Isabel não é somente por ser a filha bastarda de seu esposo, mas também por sua raça. Isso, vemos em algumas de suas falas no decorrer da narrativa. D. Lauriana estava sempre cheia de preconceitos com os “selvagens”.

- Que tens menina? – Perguntou D. Lauriana.
 - É que ele deve estar morto a esta hora, minha mãe.
 - Não se perde muita coisa – respondeu a senhora.
 (ALENCAR, 1999, p.59).

(...)

- Aquele bugre endemoninhado não se lembrou de trazer ontem uma onça viva para casa!

- Quem, o perro do cacique?

- Quem mais, senão aquele cão tihoso? (ALENCAR, 1999, p. 86)

(...)

- sem dúvida: essa casta de gente, que nem gente é, só pode viver bem nos matos. (ALENCAR, 1999, p. 91)

No decorrer da narrativa, Alencar deixa nítido aos leitores o preconceito imposto pela formação de nossa cultura. A beleza, o encontro de duas raças, isso vemos no amor entre o índio da história (Peri) e a prima branca de Isabel (Cecília).

No romance, Alencar narra de uma forma vislumbrante as duas belezas femininas da obra, caracterizadas pelas primas Cecília e Isabel. Belezas distintas, mas que de uma certa forma, endeusam ambas mulheres. “Cecília era graça; Isabel era paixão”. (ALENCAR, 1999, p.180). “Era do tipo inteiramente diferente do de Cecília; era o tipo brasileiro em toda a sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade”. (ALENCAR, 1999, p.45).

Os lábios vermelhos e úmidos pareciam uma flor da gardênia dos nossos campos, orvalhada pelo sereno da noite, o hálito doce ligeiro exalava-se formando um sorriso. Sua tez alva e pura como um froco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes cor-de-rosa, que iam desmaiando, morrer no colo de linhas suaves e delicadas (ALENCAR, 1999, p.45).

Isabel apesar de ser bonita, jovem, sensual (assim a descreveu Alencar), nutre um sentimento de melancolia em suas palavras e ações. Em um determinado momento, a morena dirige-se à sua prima com um ar de melancolia ao referir-se ao Sr. Álvaro, que chegava de viagem, e que com certeza não traria nenhum presente para si. No trecho a seguir fica claro que Isabel não tem estima por sua cor e por sua beleza.

(...)

Devem ir-te bem as pérolas, com tuas faces cor de jambo! Sabes que eu tenho inveja do teu moreninho, prima?

- E eu daria a minha vida para ter a tua alvura, Cecília! (ALENCAR, 1999. p 49).

Isabel sabia se colocar em seu devido lugar, na verdade, o lugar em que ela era posta dentro da casa pelos seus outros familiares. Por isso, não se atrevia a ter sonhos altos, posição de destaque dentro da casa, ou seja, um tratamento digno de uma filha, mesmo que mestiça.

Em um trecho anterior, aqui citado, quando Isabel desabafa com Cecília contra o desprezo a que é submetida por ser uma mestiça, é importante ressaltar que o desabafo de Isabel, pelo fato de ela viver na casa sendo considerada como um membro da família, não desfaz a rejeição de alguns por ela. Não é somente um ressentimento pela sua condição, mas também uma denúncia da relação entre o colonizador e índio. Já que essa relação branco versus índio era somente de patrão e servo.

Isabel, nutre dentro de si esse preconceito por sua raça. Uma vez que ela desdenha de Peri (um índio), e, o fato de ela ser resultado de uma mistura de índio com branco, mostra que de uma certa forma nega suas origens. É como que sua vida na casa em que vivia fosse uma plena “escravidão”. Por alguns olhos daquela família, ela era apenas uma serva, e dessa mesma forma, enxergava Isabel, o índio Peri.

Apesar de José de Alencar trazer à tona a valorização da beleza brasileira, a mestiça Isabel sofre por não pertencer inteiramente a nenhuma das duas raças. A jovem parece negar sua genitora, como se fosse ela, sua mãe, a única responsável pelo seu sofrimento dentro da casa. “(...) Minha mãe, minha mãe! ... Um soluço rompeu-lhe o seio”. (ALENCAR, 1999, p.72), já que foi ela que se deitou com o homem branco.

A mestiça Isabel carrega em si tal tristeza, que sente-se rejeitada por todos, inclusive por seu amado, que, apesar de mostrar-se seduzido por seus encantos, prefere a beleza de sua prima Ceci. E em efeito a isso, Isabel sempre lamentava-se.

(...) Toda essa tarde fora um martírio para ela; vira Álvaro falar a Cecília, adivinhara quase as suas palavras. Havia poucos momentos tinha percebido a sombra do moço que atravessara a esplanada, e sabia que não era por sua causa que ele passava. (ALENCAR, 1999. p.71)

Sobre o relacionamento de D. Antonio Mariz com a índia, mãe de Isabel, do qual gerou o fruto a sua “sobrinha” Isabel, podemos dizer que é como se Alencar quisesse deixar uma parte obscura na obra, escondendo este romance para que de fato pudesse mostrar ao leitor, mesmo de uma forma meio subtendida, a verdadeira história de romance de sua obra: O romance de Isabel e Álvaro.

Ao lermos as páginas do romance, José de Alencar nos faz pensar que tinha um grande afeto por sua personagem Isabel, mesmo a colocando em situações tão

desagradáveis, dando a entender que ele guardava para ela algo especial na obra, ainda que fosse passageiro.

Somente percorrendo minuciosamente por toda a obra é que podemos ir percebendo aos poucos o sentimento impotente que Isabel mantém em sua pessoa. Ela mantém em suas falas uma melancolia incrível, como se vivesse enraizada em seus medos, pensamentos, e assim, que ninguém pudesse vir descobri-los. Pois, temia ser zombada por outros.

3.5- A paixão de Isabel - uma história romântica, porém trágica.

O *Guarani* é uma literatura que procura enternecer e comover o leitor. Não é difícil perceber essa situação. Não somente a história de amor de Isabel e Álvaro nos emociona, como sobretudo a de Peri e Cecília. Isto sem falar da exaltação de sentimentos como lealdade, nobreza, bravura e honra que caracterizam bem as verdadeiras personagens românticas, como é o caso de Cecília, Isabel, Álvaro, D. Antônio e Peri.

José de Alencar destaca com uma nobreza esplêndida o romance entre homem e mulher nesta obra. E traz à tona a paixão que Isabel, em secreto, nutre pelo jovem D. Álvaro. E em poucas linhas, o autor, descreve a beleza do jovem por quem Isabel se apaixonara.

Um rosto moreno, coberto por uma longa barba negra, entre a qual o sorriso desdenhoso fazia brilhar a alvura de seus dentes; olhos vivos, a fronte larga, descoberta pelo chapéu desabado que caía sobre o ombro; alta estatura e uma constituição forte; ágil e musculosa eram os principais traços deste aventureiro. (ALENCAR, 1999, p. 33).

Álvaro, no entanto, era apaixonado pela prima de Isabel, Cecília. O rapaz amava Ceci com o sentimento que era “ uma afeição nobre e pura cheia de graciosa timidez que perfumava as primeiras flores do coração(...)”. (ALENCAR, 1999, p.54), e isto entristecia o coração da jovem Isabel, que por sua vez, precisava manter esse amor em segredo.

‘Isabel, ainda impressionada pela cena da manhã, tinha os olhos baixos; parecia-lhe, depois do que se havia passado, que todos, e principalmente Álvaro, iam ler o seu segredo guardado por tanto tempo no fundo de sua alma’. (ALENCAR, 1999, p.181).

Os textos medievais românticos têm seus enredos voltados aos deleites e sofrimentos de jovens donzelas, com essa condição, temos a personagem Isabel, como uma recriação do mito feminino medieval que, por sua vez, se baseia no que era ter um amor não correspondido, não ser branca e ser rejeitada pelo seu próprio pai. Com isso, surge o amor cortês que condiciona o sujeito ao amor servil. Essa era a única condição que a jovem podia desfrutar.

Isabel servia a Álvaro em seu coração; seus pensamentos em relação a ele eram de uma simples serva que sabia que jamais poderia ser correspondida, já que não passava de uma selvagem que foi deixada na casa daquela família.

Isabel, a pobre menina, fitava sobre Álvaro os seus grandes olhos grandes negros, cheios de amargura e de tristeza; sua alma parecia coar-se naquele raio luminoso e ir curva-se aos seus pés do moço.
(ALENCAR, 1999, p.56).

Nas tramas de Alencar, na maioria das vezes, a mulher é colocada em um patamar alto e sublime. Aqui, nesse romance, Isabel é colocada ao contrário, pois, vivencia um amor impossível, que o que era pior, nutria um sentimento por aquele que amava sua querida prima.

Sabemos que o amor platônico é perfeito, por isso não existe, ou melhor, só existe para quem o idealiza. Para Platão, filósofo grego, valia a teoria do mundo das ideias, onde tudo era perfeito e o mundo real era apenas uma cópia mal feita do mundo ideal (mito da caverna)⁵. Outra definição para amor platônico é amor impossível, não correspondido e amor distante.

Isabel como personagem secundária de *O Guarani*, começa a crescer na obra a partir do capítulo treze da primeira parte do livro. Momento este em que sua prima Ceci começa a desconfiar do seu amor por Álvaro.

- diga-me uma coisa Isabel: por que é que tu não falas ao Sr. Álvaro?
Isabel estremeceu.
- tenho reparado – continuou a menina – , que nem mesmo responde a cortesia que ele nos faz.
- que ele te faz, Cecília – replicou a moça docemente.
- confessa que não gostas dele. Tens-lhe antipatia?
A moça calou-se.
- Não falas?... Olha então que vou pensar outra coisa. (ALENCAR, 1999, p.78)

⁵ Extraído do site: <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/mito-caverna-platao.htm>>

E para Isabel, caso Cecília ou Álvaro descobrissem sua paixão, essa descoberta, seria um motivo de zombaria.

Podia assim fitar horas e horas o moço, sem que ele o percebesse, sem o incomodar talvez com a prece muda do olhar suplicante; podia rever-se em sua alma sem que um sorriso de desdém ou de zombaria a fizesse sofrer. (ALENCAR, 1999, p.79).

Outra atitude frequente de Isabel é a procura de solidão. Sabemos que nos romances, o personagem romântico é sempre um individualista – um solitário, que foge da sociedade.

Em *O Guarani*, é interessante observar a atitude de D. Antônio, nas primeiras páginas da obra, que se isola num recanto, longe da sociedade. É bem verdade que essa atitude foi provocada pela lealdade que devotava ao rei de Portugal, mas não deixa de ser um aspecto romântico.

No entanto, vemos Isabel isolar-se também pensando em seu amado. Isabel entrou no jardim; a pobre menina tinha velado toda a noite, e o seu rosto parecia conservar ainda os traços de algumas dessas lágrimas ardentes que escaldam o seio e queimam as faces. (ALENCAR, 1999, p. 75).

Por toda obra, vemos que a jovem mestiça está em algum momento de reflexão mantida em seus pensamentos secretos. É como se o autor da narrativa quisesse nos mostrar algo da personalidade da moça. A jovem apesar de ter sido criada como uma simples parente da família Mariz, ela tinha conhecimentos da literatura portuguesa, e isso a tornava uma mulher letrada e romântica. “Isabel, encostada a uma palmeira nova, olhava a correnteza do rio, murmurando baixinho uma trova de Bernadim Ribeiro”. (ALENCAR, 1999, p.121).

Suas características mostram-nos que é uma moça romântica, porém sofrida. Neste momento em que foi descrito acima que Isabel está ali murmurando baixinho, sua prima, por outro lado, está desfrutando de sua liberdade. “Cecília corria pelo vale perseguindo um lindo colibri, que no voo rápido iriava-se de mil cores (...)”. (ALENCAR, 1999, p.121).

José de Alencar deixa claramente o contraste que há entre as duas moças, enquanto uma era amada por três homens, a outra, Isabel, amava somente a um. Enquanto sua prima tinha a “liberdade” de uma jovem branca e amada, Isabel tinha a “prisão” de uma mulher mestiça e bastarda.

Isabel não podia sonhar com o príncipe encantado ao seduzir Álvaro, transformando o compromisso do moço com Ceci em obrigação, e não mais ato de devoção, mais à frente, na narrativa, Isabel conquista o direito de encontrá-lo no céu, longe das normas e dos corpos, que segundo ela, jamais se uniriam em vida.

Aos olhos da jovem mestiça, toda essa paixão era apenas um devaneio seu, pois sabia que jamais o Sr. Álvaro a olharia como mulher e que sua prima também poderia vir a mantê-la distante quando viesse a descobrir sua paixão por aquele a quem Cecília sempre corava quando via.

Mas a beleza da morena também em alguns momentos fazia com que Álvaro por um descuido pensasse nela.

Via os grandes olhos negros e aveludados de Isabel embebidos numa languidez melancólica; era a primeira vez que aquele rosto moreno e aquela beleza ardente e voluptuosa se viera confundir em sonhos com o anjo louro dos seus amores. (ALENCAR, 1999,p.146).

Álvaro prometera a D. Antônio de Mariz que casaria com Cecília, sua filha, e isso o impedia que viesse a ter qualquer tipo de aproximação com Isabel, no entanto, essa aproximação era mantida apenas por pensamentos. “Álvaro recostado na parte de fora a uma das janelas da casa, pensava em Isabel”. (ALENCAR, 1999,p.272).

Nota-se por toda a obra, a jovem bastarda queixando-se, até em seu silêncio, por não ser correspondida, por não merecer tal amor. A jovem está presa a uma agonia interior que a faz sentir-se menor, desprezada e incapaz de ser amada por algum homem. Como se tal amor fosse um desprazer a quem o recebe. E ela deixa bem claro em suas palavras dirigidas para seu grande amor. “– (...) é o mesmo que faz a mulher que ama sem esperança, e cujo amor é um insulto ou um sofrimento para aquele a quem ama”. (ALENCAR, 1999, p.258).

O sofrimento de Isabel é tão grande que morreria por amor, já que não podia desfrutar de tal afeto. Sabia que o seu presente não era o que de melhor lhe acontecia e, assim, talvez o futuro lhe reservasse algo melhor. Alencar, (1999, p.82) mostra-nos um pensamento da jovem mestiça em relação a sua vida: “Em vez porém de consultar o presente, perguntava o futuro, porque sabia que o presente não tinha esperanças para ela, e se a flor dissesse o contrário mentia”.

No livro *O Banquete, de Platão* (2007, p.104), há alguns discursos pronunciados, nele é registrado a celebração ao deus Eros (O deus do amor). Como

neste tópico está sendo analisado o amor sofrido que tem como eixo de sustentação entre a mestiça apaixonada e o jovem fidalgo - recorreremos a esse livro como ideia base sobre o amor, precisamente no discurso de Fedro sobre o deus Eros, onde diz: “Morrer um pelo outro, bem o sabeis, só o fazem os que verdadeiramente amam – e não só o homem, mas também as mulheres.”.

Esse trecho platônico mostra que a temática transpôs os limites do tempo e se mantém viva ao longo dos períodos literários, principalmente pela condição dos amantes Isabel e Álvaro, que perpetuarem o amor na construção do povo brasileiro da época, pois no amor os sujeitos ultrapassam os seus limites. Portanto, assim, completam a estrutura da prosa desse período. Assim, o amor e suas vertentes, os demais elementos naturais e as personagens se completam para formar o enredo e o seu resultado como representação do nacional literário de José de Alencar.

Durante o estudo do livro *O Guarani*, vemos que a personagem Isabel foi se destacando aos poucos nas linhas alencarianas, sua voz começa a aparecer com mais ênfase, já que antes, estas eram vistas com frequência somente os seus pensamentos e sentimentos. Talvez aqui, José de Alencar quisesse mostrar ao leitor a importância que a personagem tem mediante o enredo.

O autor começa a destacar com mais naturalidade a paixão exacerbada de Isabel pelo jovem Álvaro. Aos poucos, a morena vai deixando transparecer esse amor platônico, a ponto de sua prima Ceci vir a descobrir.

Cecília olhava sua prima sem compreendê-la; mas a pouco e pouco a admiração e o espanto desenharam-se no semblante da menina.

- Isabel!...

A moça caiu de joelhos aos pés de Cecília.

Tinha-se traído. (ALENCAR, 1999, p.96).

As diversas representações em torno de Isabel são observadas com especificidades porque apresentam dentro da construção feminina a mulher que nasceu para servir e como consequência sofrer por amor. A complexidade que o tema oportuniza ao leitor faz com que ele busque compreender a construção do discurso do texto literário cheio de marcas de tristeza que giram em torno da personagem Isabel.

Sabemos que os círculos amorosos condicionaram poetas à construção dos mais belos textos literários, sejam eles épicos ou em prosa, não importava ou importa o gênero, todos são e eram frutos do dom maior da existência do ser humano, o amor.

E nessas páginas, onde o autor José de Alencar desvenda ao leitor com mais brutalidade esse amor de Isabel por Álvaro, vemos que o autor trabalhou propositalmente o sofrimento da personagem mestiça para que pudesse mostrar ao seu leitor que a mulher escrava sofria não só por sua condição de raça, mas também por amar e não ser amada. “Cuidou que Cecília não tinha ciúmes dela, porque a julgava indigna de merecer um só olhar de Álvaro; esta lembrança a fez sorrir amargamente”. (ALENCAR, 1999, p.166).

Pelo fato de Isabel crescer sem a presença da mãe e também sem receber o amor paternal, a bela morena sentia falta de um afeto em sua vida, e pela condição em que foi criada, temia o fato de que jamais alguém a amasse.

E em sua vida, ela só sentira o amor de uma pessoa, sua prima Cecília. (...) era boa também, amava Isabel e não desejava magoá-la (...) mostraria a Isabel como eu a amo e quanto a desejo feliz. (ALENCAR, 1999, p. 159).

Assim isolada no meio de todos, alimentando apenas o sentimento amargo que minha mãe deixara no meu coração, sentia a necessidade de amar alguma coisa. Não se pode viver somente de ódio e desprezo! (ALENCAR, 1999, p. 189).

Dessa forma, esse sentimento de inferioridade era uma característica da vida da jovem, pois, para ela, ninguém mais a amava.

Portanto, Isabel, sabia que mesmo seu segredo agora desvendado, não podia iludir-se que seria amada como uma mulher merece ser amada, pois, sabia de suas raízes, de onde viera. E isto, a deixava profundamente melancólica.

(...) estava embebida a contemplar o moço; saciava-se de olhá-lo, de senti-lo junto de si (...) O que tornava a luta ainda mais violenta era que Isabel não o perseguia com o seu amor; depois daquela primeira alucinação concentrava-se, e resignada amava sem esperança de nunca ser amada. (ALENCAR, 1999, p. 256).

Para a jovem, ser amada, era como se fosse um crime, pois, não era digna de sentir tal afeição pelo seu amante. “Desejo que sejais meu juiz. Condenai-me depois; a pena vindo de vós será para mim um consolo. Mo negareis?” (ALENCAR, 1999, p.187).

Durante todo o romance, Álvaro é conceituado como o cavalheiro perfeito, com uma conduta virtuosa, isso, mediante a sua condição social. E entre suas variadas qualidades, está o de honrar sua palavra de cavalheiro, perante ao pedido de D.

Antônio, de que fosse noivo de sua filha Cecília, e nisso, em hipótese alguma poderia voltar atrás, pois representaria grande desonra se tal ocorresse. Alencar (1999, p.170) descreve a fala do pedido do velho fidalgo a Álvaro: “A vós, Álvaro, confio a felicidade de minha filha Cecília”.

Portanto, Álvaro, quando descobre o interesse afetivo de Isabel por ele, a trajetória moral de sua personagem torna-se uma tortura, algo difícil de ser manobrado.

E Isabel reagiu :

Por fim vacilou: reclinando sobre o ombro de Álvaro, como uma flor desfalecida sobre a haste, murmurou: - porque... vos amo! (...) pálido, atônito, fitava na menina um olhar frio e severo; seu coração leal exagerava a afeição pura que votava a Cecília a tal ponto que o amor de Isabel lhe parecia quase uma injúria; era ao menos uma profanação. (ALENCAR, 1999, p.187).

- Fazei-me injustiça, Isabel; não posso, é verdade, ser para vós senão um irmão, mas esse título sinto que o mereço pela estima e pela afeição que me inspirais. Adeus, minha boa irmã. (ALENCAR, 1999, p. 190).

O autor José de Alencar (1999, p.189) fala nas linhas de *O Guarani*, que Isabel tinha a necessidade de amar algo, necessitava de que alguma coisa que a prendesse à vida. Seria uma espécie de troféu em sua sofrida vida, ser amada e aceita por alguém.

Pelo fato de não poder ser amada por Álvaro, Isabel não temia nem a morte, pois para ela, de nada valia sua vida se não tivesse seu amado em seus braços. Aqui vemos claramente um amor servil, vassalo, no qual a jovem vive para servir ao dono do seu coração.

- Que vale a minha vida, para que a conserve? Disse a moça.

- Tem ela algum prazer, alguma ventura que me prenda? De que serviria a existência se não fosse para satisfazer um impulso de nossa alma? A minha felicidade é acompanhar- vos com os olhos e com o pensamento. Se esta felicidade me deve custar a vida, embora!... (ALENCAR, 1999, p. 257).

Com o passar dos acontecimentos no romance, o jovem fidalgo começa a sentir pela jovem mestiça a mesma afeição, sentimento este, que por estar em oposição com sua condição de noivo, e por contrariar sua palavra dada ao senhor D. Antônio, torna-se para ele motivo de grande angústia, mas seus pensamentos eram sempre em um grande estilo romântico.

Às vezes também apresentava-se ao seu espírito a imagem melancólica de Isabel; (...) Depois vinha a ideia de que era a ele que Isabel amava; sem querer repassava na memória as ternas palavras; revia o sorriso triste e os

olhares de fogo que se aveludavam com a lambiguidade do amor. (ALENCAR, 1999, p. 200).

Portanto, o jovem rapaz tortura-se interiormente entre a razão e o desejo, e este conflito aparece-lhe insolúvel. E de fato o é, isso vemos dentro de todas as circunstâncias apresentadas na narrativa. Alencar (1999, p. 255) diz que Álvaro fugia e evitava Isabel, pois temia a esse amor ardente que o envolvia apenas em um olhar.

O autor vai colocando aos poucos, em um alto patamar, a história romântica de sua personagem mestiça, dessa forma, a jovem vai crescendo no enredo. Aquele desejo ardente de Isabel estava se realizando, pois estava sendo amada pelo jovem rapaz.

Desde a véspera Álvaro não podia eximir-se à impressão poderosa que causara nele a paixão de Isabel; era preciso que não fosse homem para não sentir profundamente comovido pelo amor ardente de uma mulher bela e pelas palavras de fogo que corriam dos lábios de Isabel impregnadas de perfume e sentimento. (ALENCAR, 1999, p. 219).

Mesmo a personagem mestiça sendo apresentada como uma mulher amargurada e melancólica, José de Alencar, transpassa a nós leitores, de *O guarani*, uma Isabel sensual, atraente e irresistível. Mas quão grande é a revolta no coração da pobre moça, que ela não consegue beneficiar-se de sua beleza.

E Álvaro conseguia enxergar naquela mestiça, sua eterna beleza. (...) porque conhecia a impressão veemente, a atração poderosa que exercia essa beleza fascinadora quando a paixão, animando-a, cercava-a de um brilho deslumbrante. (ALENCAR, 1999, p.256).

No entanto, o jovem fidalgo já estava apaixonado, rendeu-se aos encantos da bela morena. José de Alencar, (1999, p.259) diz que o olhar ardente de Isabel fascinava, portanto Álvaro não resistiu e aceitou o amor de Isabel.

A essa altura do romance, o autor já havia predestinado o final trágico de Isabel e de seu amante Álvaro. Mas, tratando-se de um dos maiores romancistas brasileiros, tinha que ser no melhor estilo romântico, o romancista cearense terminava de colocar em cena todos os patamares necessários para o desenvolvimento de uma trama romântica, sempre evidenciando os mais imprescindíveis obstáculos sociais e circunstanciais à realização desse desfecho.

Deste modo, a única solução cabível para este casal foi um desfecho trágico. Esse detalhe de que a morte de Isabel e Álvaro foi a melhor solução para o amor de

ambos, era como se Alencar quisesse lembrar os leitores, os finais de grandes romances medievais. E também porque não podia ultrapassar em suas linhas os costumes da época em que se passava o enredo. Ou seja, a única solução para este casal foi a tragédia.

O casal apaixonado morre asfixiado, devido a fumaça de vários incensos acendidos por Isabel para velar Álvaro. Alencar (1999, p.330) nos conta que Isabel guarda um veneno em anel de ouro em seu seio que é a única herança materna.

Tirou do seio a redoma de vidro onde guardava os cabelos de sua mãe e fitou nela um olhar ardente; mas abanou a cabeça com um gesto de expressão indefinível. Tinha mudado de de resolução; o segredo que encerrava essa joia, o pó sutil que empanava a face interior do cristal, a morte que sua mãe lhe confiara não a satisfazia; era muito rápida, quase instantânea. (ALENCAR, 1999, p.330)

A morte aconteceu depois de uma sequência de enganos, a qual Álvaro é dado imprecisamente como morto. O rapaz somente morreria de fato, devido à ação enganada de Isabel, que também acaba morrendo nos braços de seu amado.

Alencar (1999, p. 330-333), nos traz um resumo desse triste momento:

(...) Isabel, certa de que Álvaro é morto, prepara-se para morrer também, sufocada pelos perfumes que está queimando como incenso, em virtude do bem-amado; e porque vai morrer, pode dar o beijo que em vida não tivera. Curva-se sobre o cavalheiro, toca-lhe a boca com os lábios virgens; então, ele volta do seu sono profundo, chama-a pelo nome, retribui a carícia e juntos desfalecem”.

Neste trecho da história de Isabel que o autor nos apresenta, é possível desprender da leitura atenta do romance, para que possamos enxergar de fato que a personagem mestiça, embora sendo apresentada em segundo plano na narrativa, aparece como a verdadeira trama amorosa do romance alencariano.

- Eu te amo
Era a frase que Álvaro deixara cair na sua alma, e que a enchia toda como um eflúvio celeste, como um canto divino que ressoava nos seus ouvidos e fazia palpitar todas as suas fibras. (ALENCAR, 1999, p.305)

Embora seja uma mulher sofrida, por pontos aqui já destacados, ela conseguiu, pelo menos por um pouco de tempo, ser feliz em uma de suas opressões que tanto a atormentava. Portanto, Alencar conseguiu mostrar ao leitor aspectos importantes sobre a personagem de Isabel, aspectos esses, que ficavam escondidos nas entrelinas de sua obra *O Guarani*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Neste trabalho, apresentado com carácter exploratório, a personagem mestiça Isabel não nos sugere conclusões definitivas acerca de sua vida, uma vez que seria preciso analisar minuciosamente a obra alencariana e verificar se esses detalhes que ele deu à sua personagem são realmente significativos no aspecto em que foi proposto nesta pesquisa. Sendo assim, foram apontadas algumas linhas de reflexão a partir das questões abordadas ao longo do trabalho, na tentativa de assinalar aspectos relevantes a serem desenvolvidos em investigações posteriores sobre a personagem Isabel.

A proposta desta pesquisa era analisar a personagem Isabel da obra literária *O Guarani*, de José de Alencar, baseando-se em estudos acerca da construção feminina, para assim, obter a resposta da seguinte pergunta: de que forma Isabel foi inserida no contexto de tal enredo? Quais eram as principais características dessa jovem que o autor descreveu com tamanha sutileza?.

Durante a pesquisa, realizou-se um estudo sobre a vida da mulher no século XIX, para que pudéssemos adentrar na construção da personagem feminina analisada. Dessa forma, vemos que no período colonial até os meados do século XIX, a mulher era tida para servir, e muitas vezes tinha como consequência, ser amada, e isso, gerava um grande valor para a realização de seu *status* na sociedade em que vivia.

Foi de suma importância, relatar um pouco sobre a vida e obra de José de Alencar, apresentando-o como um grande romancista brasileiro, traçado com um lirismo exacerbado em suas obras literárias.

Percebeu-se por meio da leitura da obra que José de Alencar tinha um olhar à frente de seu tempo, pois o que ele apresentou em seu romance acerca da vida de Isabel está bem presente nos dias atuais, uma vez que, o preconceito racial, os filhos bastardos e o amor platônico continuam com muito poder de ação, exercendo primazia na vida de muitos, e que em nome de qualquer um desses, vale qualquer atitude ou comportamento. Portanto, seja na sociedade ou na família, a mulher era apresentada como aquela que simbolizava o sofrimento e o ser mais fraco. Aquela sobre quem o homem tinha domínio.

O romance analisado, *O Guarani*, têm um forte aspecto que é o de mostrar a mulher encarando a vida de diferentes modos, mas que encontra na figura masculina

um norte e a segurança de que precisa para se firmar como mulher. E Isabel precisava dessa figura masculina em sua vida, já que não poderia ter o amor paterno, que ao menos lutasse pelo amor eros.

A história de Alencar olhando para a sua personagem mestiça, trata das decepções que Isabel sofre desde seu nascimento, englobando um conjunto como filha rejeitada e mulher. As transformações sofridas por ela são bem evidenciadas dentro do enredo. Dessa forma, aos poucos, Isabel foi ganhando força dentro da obra literária.

Isabel foi uma mulher sofrida em todos os aspectos de sua vida. Rejeitada, humilhada, mas que foi recompensada no final, com o amor do homem que amava. O que não aconteceu no início, ou seja, ela só conseguiu sentir o amor a partir do momento em que revelou o segredo que amargava-lhe a alma.

Creemos ser lógico afirmar que Isabel, mesmo diante de tanta injúria foi uma mulher característica da época em que vivia, pois não era fácil viver numa casa que não era sua, que nem ao menos teve a chance de ganhar o sobrenome de seu pai, e que por causa de sua mãe, assim ela afirmava, sua raça era desgraçada.

Podemos concluir que a personagem Isabel lutou unicamente para, no final da história, ter ao seu lado uma figura masculina como amante, já que não teve em sua vida uma figura paterna que a defendesse e a honrasse como filha e mulher.

No entanto, Isabel por pouco tempo conseguiu desfrutar de tal prazer.

Do nosso ponto de vista podemos concluir que Alencar soube mostrar a nós leitores o sofrimento da mulher mestiça, sem deixar de elevar a alma feminina em *O Guarani*. Por fim, não podemos deixar de afirmar que Alencar é o que se pode chamar de um intelectual primordial da classe patriarcal e escravocrata do país que surgia ainda na primeira metade do século XIX. No entanto, seus textos, lidos com a devida atenção, são fundamentais para o entendimento das suas ideologias da classe dominante brasileira.

REFERÊNCIAS.

- ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: Ática, 1999.
- ALENCAR, José de. **Como e por que sou romancista**. 2º ed. São Paulo: Pontes, 2005.
- AMARANTES, Adriana Junqueira. O autor e estilo de José de Alencar. In: ALENCAR, José de. **O Guarani**. São Paulo: Ática, 1999.
- BOECHAT, Maria Cecília. **Paraísos artificiais: Romantismo de José de Alencar e sua recepção crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRAIT, Beth. **A Personagem**. Belo Horizonte: Ática, 1985.
- CABRAL, João Francisco Pereira. **"Mito da caverna de Platão"**. *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/mito-caverna-platao.htm>>. Acesso em: 19 maio 17.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. v. 2. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1981.
- CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976, 5ª edição.
- CASTELLO, José Aderaldo & CANDIDO, Antônio. **Presença da Literatura Brasileira. Vol. I. Das Origens ao Romantismo**. 5ª ed. São Paulo: Difusão Europeia 343 do livro, 1973).
- Charlotte Despard, **Memórias não publicadas, registro de 1850. Luísa Garret Anderson, depoimento escrito de 1839**. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/artigo>. Acessado em: 28 set.16.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FREYRE, Gilberto. **Casa – Grande e Senzala**. 51ª edição revista. São Paulo: Editora Global, 2006.
- GODOY, Silvana. **Filhos de brancos, bastardos e mamelucos em famílias mestiças (São Paulo, séculos XVI e XVII)**. São Paulo, Jan/jun.2017. Disponível em: revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/download. Acesso em 19 jun.17.

JUNIOR, Benjamin Abdala. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Editora Scipione, 2002. Revista arquivo nacional

LAJOLO, Marisa. **Como e por que ler o romance brasileiro?** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

LEITE, Dante Moreira. **O amor romântico e outros temas**. Coleção Ensaio, volume 7. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

MENDONÇA, Simone Cristina. **Letras e livros em Belém (1822-1850)**. São Paulo: Editora Scortecci, 2016.

OLIVEIRA, Amael. **O rosto de Jano: Imagens ambivalentes da natureza em O guarani, de José de Alencar**. *Revista linguagem da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)*, São Carlos, set. 2009. Disponível em: http://www.lettras.ufscar.br/linguagem/edicao09/artigos_oliveiraa.php. Acesso em: 23 abr.17.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates; O Banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

PRAVAZ, Natasha. **Gilberto Freyre e a mulata: Mestiçagem e diferenciação no pensamento brasileiro**. Disponível em <http://ler.lettras.up.pt/uploads/ficheiros/7135.pdf>. Acessado em 03 abr.17.

RONCARI, Luiz. **A Literatura no Brasil, dos Primeiros Cronistas aos Últimos Românticos**. 2ª edição, São Paulo: EDUSP, 1995.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1984.

SAMUEL, R. (Org.). **Manual de Teoria Literária**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 151.

ZOLIN, Lúcia Osana, Bonnici, Thomas-org. **Teoria Literária: abordagens históricas contemporâneas**. 2. ed. ver. e ampl. Maringá: Eduen, 2005.